

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**MEMÓRIAS E SENTIDOS NA TERCEIRA IDADE: EXPERIÊNCIAS PELA
VIA DA ESTÉTICA**

MESTRANDA: ANA CRISTINA QUINTANILHA SCHREIBER
PROFESSORA ORIENTADORA: SILVIA SELL DUARTE PILLOTTO
PROFESSORA COORIENTADORA: JANE MERY RICHTER VOIGT
Políticas Públicas e Práticas Educativas

Joinville – SC

2018

ANA CRISTINA QUINTANILHA SCHREIBER

**MEMÓRIA E SENTIDOS NA TERCEIRA IDADE: EXPERIÊNCIAS PELA VIA
DA ESTÉTICA**

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Educação na
Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE.
Linha de Pesquisa: Políticas e Práticas Educativas.
Orientadora: Profa. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto.
Coorientação: Profa. Dra. Jane Mery Richter Voigt.

Joinville – SC

2018

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

S378m	Schreiber, Ana Cristina Quintanilha Memórias e sentidos na terceira idade: experiências pela via da estética/ Ana Cristina Quintanilha Schreiber; orientadora Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto, coorientadora Dra. Jane Mery Richter Voigt. – Joinville: UNIVILLE, 2018. 81 f. : il. ; 30 cm Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade da Região de Joinville) 1. Memória na velhice. 2. Idosos - Educação. 3. Idosos – Aspectos sociais. 4. Estética. I. Pillotto, Silvia Sell (orient.). II. Duarte Voigt, Jane Mery Richter (coorient.). III. Título. CDD 305.26
-------	--

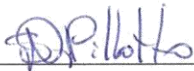
Termo de Aprovação

“Memórias e Sentidos na Terceira Idade: Experiências pela Via da Estética”

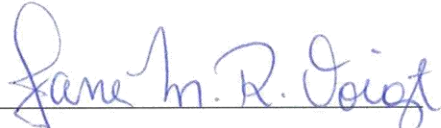
por

Ana Cristina Quintanilha Schreiber

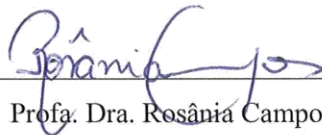
Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestra em Educação, aprovada em sua forma final pelo Programa de Mestrado em Educação.



Prof. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto
Orientadora (UNIVILLE)



Prof. Dra. Jane Mery Richter Voigt
Coorientadora (UNIVILLE)

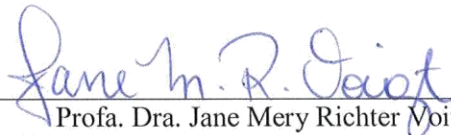


Prof. Dra. Rosânia Campos
Coordenadora do Programa de Mestrado em Educação

Banca Examinadora:



Prof. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto
Orientadora (UNIVILLE)



Prof. Dra. Jane Mery Richter Voigt
Coorientadora (UNIVILLE)



Prof. Dra. Rita Buzzi Rausch
(FURB)



Prof. Dra. Marly Krüger de Pesce
(UNIVILLE)

Joinville, 27 de fevereiro de 2018

AGRADECIMENTOS

Considero um grande desafio escrever os agradecimentos, já que tantas pessoas foram importantes e participaram direta ou indiretamente de todo o processo de pesquisa e de escrita desta dissertação.

Agradeço com um carinho especial cada um dos idosos do Grupo de Convivência que compartilharam comigo suas histórias, memórias e lembranças, que me permitiram registrar fatos marcantes de suas vidas, que me proporcionaram momentos de grande aprendizado e de muitas emoções. Também agradeço à coordenadora e aos funcionários do CRAS Jardim Paraíso, que acolheram e colaboraram com a pesquisa.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação Mestrado da UNIVILLE, que contribuíram com toda sua experiência e conhecimento para a minha formação.

Agradeço à minha orientadora e coorientadora, Silvia Pillotto e Jane Voigt, pela parceria, confiança, sensibilidade, entusiasmo e maneira como me mostraram caminhos e de como me levaram ao encantamento pela pesquisa. Ao grupo de pesquisa NUPAE, que me proporcionou a experiência de realizar pesquisa, de compartilhar conhecimento e pelo companheirismo e pela generosidade.

Agradeço às minhas avós, que me trazem tantas lembranças, e especialmente à minha mãe, que sempre me incentivou e me ensinou a valorizar as memórias pessoais, históricas e patrimoniais e que de onde estiver deve estar orgulhosa dessa minha conquista.

Agradeço o apoio da minha família. Ao meu marido, com quem pude estudar e debater sobre as leituras realizadas; à minha filha, que me ajudou assumindo algumas tarefas a mais em casa, ao meu pai e à minha sogra, que sempre estavam por perto.

Agradeço aos meus companheiros de turma e de pesquisa, Leandro Barrocas e Hilda Natume, pela parceria e cumplicidade, pela dedicação e por compartilhar os conhecimentos, aprendizados e as experiências com o grupo de idosos.

RESUMO

A pesquisa “Memórias e sentidos na terceira idade: experiências pela via da estética” surgiu por uma questão inicial que muito me instiga: quais memórias e sentidos são mobilizados por meio de experiências estéticas em práticas educativas com a terceira idade? A possibilidade de pessoas idosas revisitarem memórias a partir de experiências estéticas foi o fio condutor do seguinte objetivo de pesquisa: *analisar as práticas educativas pela via da estética na terceira idade, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando memórias e experiências como possibilidade de construção de sentidos e relações com o cotidiano*. Tenho observado em minha experiência como educadora, especialmente no trabalho com o grupo de idosos, como as atividades propostas desencadeiam falas recheadas de afetos e de memórias. Fico a pensar como tais práticas educativas ativam as memórias dos idosos e o quanto é possível tê-las juntamente com o desenvolvimento da sensibilidade, subsídios para que construam sentidos, significados e saberes em sua vida presente. A proposta metodológica tem como base a abordagem qualitativo-narrativa, tendo a linha de pesquisa Política e Práticas Educativas do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), sob uma perspectiva teórica apoiada em alguns autores: Larrosa (2002), Halbwachs (2004), Duarte Junior (2003; 2002), Bosi (1994; 2003), Clandinin e Conelly (2011), além de documentos que subsidiaram discussões referentes aos direitos dos idosos. Como produção de dados recorreu-se à observação de campo, expedição cultural num centro de cultura, a fotos, filmagens e oficinas estéticas com um grupo de 20 idosos que freqüentam o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) localizado no bairro Jardim Paraíso, na cidade de Joinville (SC). Como resultado a pesquisa apontou que as memórias podem ser despertadas por meio de experiências estéticas, trazendo à tona as histórias pessoais, e que o ato de rememorar proporciona aos idosos reviver momentos, acontecimentos, lembranças do passado, e estas podem ser ressignificadas a partir do seu cotidiano.

Palavras-chave: Práticas Educativas; Experiência Estética; Memória; Terceira Idade.

ABSTRACT

The research “Memories and senses in the third age: experiences through aesthetics” arose from an initial question which very much instigates me: what memories and senses are mobilized through aesthetic experiences in educational practices with the elderly? The possibility of elderly people revisiting memories based on aesthetic experiences was the guiding thread of the following research objective: to analyze educational practices through aesthetics in the third age, with reference to mediating action and sensitivity, mobilizing memories and experiences as a possibility of constructing meanings and relationships with daily life. I have observed in my experience as an educator, especially while working with the elderly groups, how much the proposed activities can trigger speeches filled with affections and memories. This aspect makes me wonder about the extent to which these educational practices activate the memories of the elderly and how much it is possible to have them together with the development of the sensibility, which is subsidy for them to construct meanings, senses and knowledge in their present lives. The methodological proposal of this research is based on the qualitative-narrative approach, within the Policy and Educational Practices research line of the Post-Graduate Program – Master’s in Education of the University of the Region of Joinville (UNIVILLE), under a theoretical perspective supported by authors, such as: Larrosa (2002), Halbwachs (2004), Duarte Junior (2003; 2002), Bosi (1994; 2003), Clandinin and Conelly (2011), in addition to documents that subsidized discussions regarding the rights of the elderly. Field observation, cultural expedition in a culture centre, photos, filming and aesthetic workshops were used as data production with a group of 20 elderly people in the Reference Centre of Social Assistance (CRAS), located in the neighbourhood of Jardim Paraíso in the city of Joinville, Santa Catarina. As a result, the research pointed out that memories can be awakened through aesthetic experiences, bringing personal stories to light and that remembering provides that the elderly revive moments, events, memories of the past and that they can be redefined from their daily life.

Keywords: Educational Practices; Aesthetic Experience; Memory; Elderly.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Idosos do grupo durante a primeira oficina com os sentidos.....	46
Figura 2 – Idosa do grupo na oficina com os sentidos: olfato.....	47
Figura 3 – Idosos do grupo na oficina com os sentidos: paladar.....	48
Figura 4 – Idosos do grupo na oficina com os sentidos: desenho com giz.....	51
Figura 5 – Idosa do grupo na oficina com os sentidos: desenho com giz.....	52
Figura 6 – Idosos do grupo na oficina com os sentidos: tato	53
Figura 7 – Idosa do grupo na oficina: descobrindo o que havia na caixa.....	54
Figura 8 – Idoso do grupo na oficina: compartilhando memórias.....	55
Figura 9 – Dona Argentina: contando e recontando histórias	59
Figura 10 – Dona Maria Darci: contando e recontando histórias	59

Sumário

CAMINHO 1.....	9
ENCONTROS E ENCANTAMENTO: DESCOBRINDO A EDUCAÇÃO	9
O CRAS- novos caminhos e novas descobertas.....	14
Minhas Escolhas.....	16
Sobre a relevância do tema.....	18
O idoso – cidadão do mundo	20
Memória e Sensibilidade.....	22
Experiência Estética – sentidos e afetos	24
Abordagens de Pesquisa	27
CAMINHO 2.....	31
ENCONTRANDO O CRAS E OUTROS LUGARES: REVISITANDO MEMÓRIAS, REINVENTANDO HISTÓRIAS.	31
O Grupo de Convivência.....	32
Encontrando outros lugares.....	35
Memórias e lembranças.....	37
CAMINHO 3.....	43
DESPERTANDO SENTIDOS COM AROMAS, SABORES E SONORIDADES.	43
Quadro síntese das oficinas	55
O caminho de cada um – contando e recontando histórias	55
Lembranças da escola, do trabalho e da arte	61
CAMINHO 4.....	68
NA DESPEDIDA: PERCURSOS DE MEMÓRIAS E SENTIDOS	68
Recordações do percurso da pesquisa.....	71



“[...] Se eu ousar
catar
Na superfície de qualquer
manhã
As palavras de um livro
sem final [...]”
Valeu a pena, ê ê
Sou pescador de ilusões
[...]”
(Marcelo Yuka)

CAMINHO 1.

ENCONTROS E ENCANTAMENTO: DESCOBRINDO A EDUCAÇÃO

“[...] Se eu ousar catar
Na superfície de qualquer manhã
As palavras de um livro sem final [...]”
Valeu a pena, ê ê
Sou pescador de ilusões [...]”
(Marcelo Yuka)

Início a conversa sobre minha pesquisa/dissertação “Memória e sentidos na terceira idade: experiências pela via da estética” revisitando minha infância e minha afetuosa relação com minhas avós, Ana Maria, avó paterna, que morava em um sítio na cidade de Magé, na localidade do Vale das Pedrinhas, onde íamos visitá-la uma vez por mês, e Maria, minha avó materna, que morava em um bairro próximo ao meu.

A vó Ana era uma pessoa de muita vitalidade e alegria, sempre com longas tranças, lenço na cabeça e um avental com marcas de uso pela lida no quintal. Sempre que chegávamos, ela se dirigia para a vitrola e colocava um disco para tocar. Dançávamos, ríamos e nos divertíamos muito. Esses encontros eram muito especiais para ela, pois gostava de estar rodeada de pessoas, além de adorar mexer na terra e cuidar dos animais.

Durante muitos anos, vó Ana fumou cachimbo; trata-se de uma lembrança que tenho bem forte na memória. Ficávamos sentados na varanda conversando e ouvindo suas histórias, permeadas pelo som muito peculiar dos seus lábios ao pitar o cachimbo. Exalava no ar o cheiro do fumo de rolo, que ela cortava com uma faquinha pequena com cabo de madeira para colocá-lo no cachimbo, riscando em seguida um fósforo, fazendo uma concha com a mão para proteger a chama do vento. Quando já havia acendido o cachimbo, balançava a mão apagando a chama do fósforo, num ritual repleto de magia.

Sua casa era cheia de flores. Vó Ana adorava as cores do jardim, onde misturava várias espécies de plantas, desde que fossem coloridas. Para ela aquilo era a beleza, e beleza, como nos diz Duarte Junior (2003, p. 13), “é uma maneira de nos relacionarmos com o mundo”. Flores, folhagens e muita cor formavam uma moldura em volta da casa ao ser vista por quem chegava ao portão. Trago ainda em minhas

memórias o aroma das flores e do cachimbo da Vó Ana e sua alegria quando rodopiava com suas longas tranças ao som de músicas que pareciam vir de um lugar bem distante.

De minha avó Maria também carrego muitas memórias. Diferentemente de minha vó Ana, vó Maria era mais urbana e gostava muito de usar calça comprida, sempre colorida. Era bastante habilidosa e costumava fazer vasos para plantas com latas de óleo de cozinha, onde plantava, especialmente, uma flor chamada onze-horas. Abria as latas de maneira que ficassem com uma aba que era fixava na parede. As paredes externas da varanda eram repletas desses vasos com muitas onze-horas e flores cor de rosa.

O armário da cozinha de vó Maria, que na época chamávamos de *buffet*, tinha em suas prateleiras internas bordas de papel de seda recortados como renda, que ficavam a vista através das portas de vidro. De tempos em tempos ela os trocava, cortando tiras de papel, dobrando-os várias vezes e fazendo pequenos recortes que, ao desdobrar, se revelavam verdadeiros barrados rendados. Isso sempre me encantou, era muito bom transformar um pedaço de papel em algo tão bonito e delicado. A forma como nos relacionamos com os objetos determina uma experiência, essa relação entre sujeito e objeto, se for completa, pode constituir-se numa experiência estética, e era o que tínhamos, eu e minha vó Maria.

Durante os anos de minha infância as visitas às minhas avós eram sempre muito agradáveis, com muitas histórias e acontecimentos que eventualmente surgiam no trajeto e propriamente durante as horas em que estávamos juntas, algumas vezes com a presença de primos e primas, tios e tias.

Os meus avôs, tanto paterno quanto materno, já haviam falecido quando nasci e o conhecimento que tenho deles vem das histórias contadas pela minha mãe e pelo meu pai. Do meu avô materno não tenho nem a imagem, já que não há nenhuma foto dele, assim tenho em minha memória uma imagem formada a partir do imaginário. Vejo-o em minha imaginação por intermédio das características que são relacionadas a ele. Já do meu avô paterno tenho uma foto, daquelas que se via nas salas das casas do interior com o casal da família, onde era retocada à mão com pinturas e com uma moldura oval com detalhes trabalhados em relevo.

Uma história que minha mãe sempre contava do meu avô era que, quando os filhos, num total de sete, sendo cinco meninas e dois meninos, estavam precisando de

roupas novas, roupas de sair, como ela dizia, comprava uma peça inteira de tecido para fazer vestidos para as meninas e camisa para os meninos. Minha mãe contava que eles pareciam uma turma saindo para passear. Pareciam que estavam de uniforme, todos com roupas do mesmo tecido. Pelo o que ela falava essa era uma prática comum na vizinhança, com famílias sempre numerosas e com muitos filhos. Outra situação que ficou registrada na memória de minha mãe em relação ao meu avô era que de tempos em tempos ele os enfileirava e dava uma colher de óleo de fígado de bacalhau para cada um como fortificante. Só de lembrar minha mãe torcia o nariz, apertava os olhos e tremia os ombros, parecia que o gosto vinha a sua boca juntamente com as lembranças do momento.

O meu avô paterno viveu no sítio, cuidando de animais e plantações. Veio da Alemanha para morar no Espírito Santo, na cidade de Santa Maria de Jetibá. A família também era numerosa, com sete filhos, cinco meninos e duas meninas. Nas lembranças do meu pai uma que ficou bem forte foi o fato de só poderem falar em alemão em casa e, como as distâncias eram grandes, pouco se relacionavam com outras pessoas ou crianças, dificultando o aprendizado da língua portuguesa. Quando estavam com idade de frequentar a escola, sentiam muita dificuldade na adaptação e no relacionamento com outras crianças, já que não entendiam o que se falava. Mas a ida dos mais velhos para a escola e o contato com a língua beneficiaram os mais novos, que puderam aprender o português com os irmãos. Um relato recorrente nas lembranças do meu pai em relação ao meu avô é o fato de que ele entregava as cobras que apareciam na propriedade para um órgão que as levava para o Instituto Butantã. Meu pai se recorda dos equipamentos e das ferramentas que meu avô usava para capturá-las e transportá-las até seu destino. Dá para sentir o orgulho que meu pai demonstra ao falar dessa atividade do meu avô.

Ter conhecimento de fatos e poder partilhar da memória dos meus pais para formar uma memória afetiva em relação a meus avôs paternos foi com certeza um fator importante na minha formação e na minha afinidade e respeito com as histórias e lembranças da família, influenciando-me até mesmo na escolha profissional.

Uma das coisas que me inspiraram em seguir a profissão de professora foi sem dúvida a relação com as minhas avós e com a minha mãe, que sempre falavam da importância e do valor desse profissional e o quanto era honroso ser professor.

Nessa época ter um professor na família era motivo de grande orgulho e ser normalista era o sonho de muitas meninas. Comigo não foi diferente, sempre quis ser

professora e sonhava usar aquele uniforme elegante, tradicional e tão representativo, o uniforme de normalista. Então consegui. Depois de passar no processo seletivo, tornei-me normalista, e depois de três anos, professora, para satisfação e orgulho da família.

Hoje tenho consciência de que sou um misto de minhas duas avós, pois carrego comigo a alegria, o movimento e o gosto pela natureza e a habilidade com a artesanaria. Dois lados me tomam por completo – a vida do campo (onde moro atualmente) e a curiosidade da vida urbana, com seus ruídos e movimentos intensos.

No fundo de minha alma, entretanto, o que de mais valioso ficou da relação com minhas avós foi o vínculo afetivo, o respeito pela sabedoria e experiência daqueles que já viveram muito. Sinto admiração pelo idoso, que nos ensina tanto, provocando-nos com suas histórias o tempo todo.

Em minha memória também se encontram os anos em que atuei como professora nos anos iniciais do Ensino Fundamental, logo após a conclusão do Curso Normal, e desde então nunca mais parei. Meu encontro com a educação foi e está sendo para mim uma experiência significativa e realizadora, mobilizando muitas ações, agregando saberes a minha vida, tanto profissional como pessoal.

Durante 24 anos, minha atuação na educação foi com crianças, especificamente entre 5 e 6 anos. Essa experiência foi marcante para mim e deixou rastros de quem sou e de quem me tornei. O maior encantamento e desafio no trabalho com crianças é a surpresa, o inesperado. Cada dia uma descoberta e um despertar para o novo. Crianças cheias de ideias, com olhinhos brilhando, curiosos, dando pistas de sua vontade e desejo em aprender.

Vejo muitas semelhanças entre as crianças e os idosos. Ambos estão livres para criar e saborear novas experiências. A criança porque está iniciando a vida e tudo que a cerca é algo a ser descoberto. O idoso, por sua vez, viveu, aprendeu e vivenciou o que a vida lhe proporcionou e, por isso, está ávido para ousar num tempo/espaço que ainda lhe resta. Idoso e criança, no lugar do devir, buscam suas verdades inventadas e rumam para o maior mergulho que a vida pode dar – o da vida e, quem sabe, o da arte.

O contato com a arte pode abrir horizontes, mobilizar o olhar e a sensibilidade, agregando muito ao aprendizado de qualquer área do conhecimento e em qualquer idade, não só na fase da infância, como em todas as outras de nossas vidas. Ou seja,

tanto crianças como idosos, ao ter uma experiência estética, ampliam suas possibilidades de compreensão do mundo que os cerca.

E como a vida nos leva para caminhos que às vezes não planejamos, mudei de cidade, e com isso várias mudanças vieram como decorrência, inclusive o trabalho. Parte da minha vida profissional como educadora se deu na rede privada de ensino do Rio de Janeiro, em escolas frequentadas por crianças com famílias pertencentes a uma camada privilegiada da sociedade e com poder aquisitivo bem alto.

Ao me mudar para a cidade de Joinville (SC), trabalhei em duas escolas também da rede privada de ensino, com crianças com certo poder aquisitivo. Ao prestar concurso para a Prefeitura, desejava conhecer outras realidades e ter novas experiências na educação.

Fui então chamada pela Prefeitura para atuar como educadora no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). A realidade que se apresentava naquele momento era de grande diversidade, já que as crianças, os adolescentes e idosos atendidos no CRAS estavam em situação de risco e vulnerabilidade social.

Toda essa diversidade veio como um grande desafio, sobretudo no âmbito profissional, momento em que pude conhecer e me aproximar das questões sociais atuando como educadora social.

O trabalho como educadora social me mostrou outro mundo, que me encantou igualmente. Mostrou-me como é grande a nossa capacidade de nos adaptarmos e de aprendermos sempre, mostrou o quanto podemos ensinar e aprender, acrescentando-me muito conhecimento e experiência de vida. Conviver com essas crianças e adolescentes durante os últimos dez anos me realizou imensamente.

Ao exercer a função de educadora no CRAS com crianças, jovens e idosos em situação de risco social e vulnerabilidade, pude exercitar a total abrangência da Pedagogia, atuando em grupos com diversas faixas etárias e realidades familiares tão distintas e particulares. Fiquei encantada e realizada com tal trabalho, que me trouxe tantos conhecimentos na área da assistência social que parecia algo tão distante da minha realidade de professora da educação formal.

O CRAS – novos caminhos e novas descobertas

O CRAS é uma unidade de proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e tem como objetivo prevenir a ocorrência de situações de vulnerabilidade e riscos sociais nos territórios, por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições, do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários e da ampliação do acesso aos direitos de cidadania. O CRAS pode ser também considerado espaço de educação não formal e, como bem coloca Gohn (2013, p. 14), “[...] um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletividade”. Ou seja, de sujeitos autônomos e emancipados, cuja formação cidadã aparece como pressuposto fundamental (GOHN, 2010).

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos oferecido busca reunir as pessoas nas suas respectivas faixas etárias (crianças, adolescentes e idosos) para o desenvolvimento de ações em grupos. Tais ações visam à prevenção a situações de vulnerabilidade e violência.

Meu trabalho como educadora no CRAS já acontece há dez anos e, atuando especificamente com grupo de idosos, há três anos. O CRAS Jardim Paraíso conta com um grupo de 13 funcionários efetivos, sendo três educadoras, uma auxiliar de educadora, duas assistentes sociais, uma psicóloga, quatro agentes administrativos, uma coordenadora e uma cozinheira. O enfoque do trabalho da equipe do CRAS é a interdisciplinaridade, que exige uma equipe multiprofissional. O trabalho de atendimento às famílias é um processo recíproco que proporciona um enriquecimento mútuo de diferentes saberes e que elege uma plataforma de trabalho conjunta, por meio da escolha de princípios e conceitos comuns. Como diz o caderno de orientações técnicas do CRAS (2009, p. 65):

Salienta-se que o trabalho em equipe não pode negligenciar a definição de responsabilidade individual e competências. Deve-se buscar identificar papéis, atribuições, de modo a estabelecer objetivamente quem, dentro da equipe, interdisciplinar, encarrega-se de determinadas tarefas.

O encontro com pessoas idosas me fez conhecer um universo encantador, com histórias de vida surpreendentes e curiosas, algumas vezes sofridas e dolorosas, mas também recheadas de memórias significativas e, por vezes, divertidas. Também avivou minhas memórias afetivas na companhia de minhas avós. Já havia vivenciado o prazer

de estar com os idosos, mas o tempo às vezes distancia essas experiências. O convívio com os idosos do CRAS permitiu-me o privilégio de (re)inventar minhas memórias e ampliar meus conhecimentos e vivência com cada um desses sujeitos.

Os encontros com o grupo de idosos, que acontece semanalmente, são repletos de muitas conversas, trocas de experiências, histórias, “causos” e memórias. Cada pessoa do grupo sente uma grande satisfação em contar suas histórias, relembrar situações vividas e compartilhar tudo isso com os demais companheiros de grupo. E eu, pessoalmente, sinto-me muito bem em ouvi-los, aprendendo sempre, e cada vez mais, com cada um deles. São tantos fatos, tanta sabedoria, tantas histórias, algumas alegres e outras nem tanto, tantas novidades e curiosidades de um tempo e local, que me deixam em “estado de graça”.

Todos os idosos do grupo viveram a maior parte de sua vida no campo, crescendo em sítios. As lembranças de um desencadeia no outro suas histórias pessoais, e assim vão ativando memória, como nos diz Halbwachs (2004), ao afirmar que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo.

Apesar da grande caminhada na vida, essas pessoas tiveram pouco ou nenhum contato com a arte. No CRAS, esse encontro é possível e, nesse momento da vida, torna-se muito enriquecedor, pois todo material produzido é permeado e perpassado por memórias de uma época por vezes distantes, remota, como lembranças da infância, da juventude e também recentes e atuais.

A pessoa idosa, na cultura ocidental, nem sempre é vista com bons olhos pelos mais novos. São vistas como ultrapassadas e obsoletas, que não têm valor nem serventia. Quando são chamados de velhos, são remetidos à categoria de objeto que não serve mais, que atrapalha e incomoda. Almeida (2003, p. 45) reitera a afirmação quando diz que “há na modernidade uma incompatibilidade entre velhice, presente e futuro, entre velhice e espaço público, exceto quando esse último for praça ou o jardim, sinônimo de ociosidade e de ver o tempo passar”.

No entanto vale ressaltar que as pessoas idosas são detentoras de grande sabedoria. Cada uma com sua especificidade e características próprias viveu várias décadas e presenciou fatos que se tornaram história, seja de sua cidade, do seu estado ou do seu país. Mesmo com suas dores nas costas, no joelho e mãos trêmulas, são pessoas

com muita bagagem, experiência e tem muito a contribuir e a dizer; em sua maioria gostam de compartilhar essas experiências.

Minhas escolhas

Hoje, revisitando momentos de minha vida, compreendo com mais clareza minhas escolhas, especialmente com relação ao tema da pesquisa. Quando ingressei no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação na Univille, já estava traçada a minha escolha: queria realizar uma investigação com os idosos no universo da estética.

A ideia de pesquisar com tais atores e essa área de conhecimento tomou corpo a partir de uma experiência ocorrida na minha atuação como educadora no CRAS. Ao acompanhar a expedição de um grupo de idosos à exposição de fotografia intitulada “Ilha não ilha”, com trabalhos da artista Cláudia Zimmer, no SESC da cidade de Joinville (SC), um dos idosos reagiu de maneira inusitada e até surpreendente. Ao ver um vídeo que relacionava as fotografias expostas de ilhas naturais e ilhas artificiais com o fenômeno da maré e o desaparecimento de uma ilha, o idoso mostrou-se indignado ao interagir com a mediadora da exposição, socializando sua tristeza em ver a água subindo e cobrindo a terra.

A imagem trouxe ao idoso lembranças de experiências que não foram agradáveis. Ele associou aquela cena a enchentes que tinha vivido, nas quais tinha perdido bens e objetos da sua história. Para ele, o sentido daquela imagem era singular e, evidentemente, não era a mesma impressão sentida por outros idosos que ali estavam. Aliás, cada um deles tinha uma forma muito própria de ler e ser tocado pelo vídeo e pela exposição, quase sempre em associação a alguma experiência passada ou presente.

Assim, após muito pensar, ler e discutir o tema nas orientações e no Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE), que tem desenvolvido pesquisas entrelaçadas, foi decidido que o pequeno grupo de três pesquisadores, formado por mim, Ana Cristina, Hilda Natume e Leandro Barrocas, abordaria a terceira idade em suas pesquisas e como os mesmos atores: o grupo de idosos do CRAS Jardim Paraíso.

O grupo de pesquisadores tem realizado suas pesquisas de maneira integrada, tendo alguns atores e temas em comum. A exemplo das pesquisas já realizadas em que trazem as questões da estética, da experiência e da sensibilidade podemos citar: Uma Cartografia com Infância: Experiências e Múltiplas Sonoridades, de Mirtes Antunes

Locatelli Strapazzon; Vivências Perceptivas com a Infância nos Espaços da Escola e do Museu – Uma Experiência, de Karina Alves Cargnin; Sentidos e Experiências na Docência: Processos de Aprendizagem do Instrumento Musical na Infância, de Jorge César de Araújo Pires, concluídas em 2017, além das pesquisas em andamento Sentidos e Significados das Políticas Públicas de Educação e Cultura para a Terceira Idade, de Leandro Barrocas; Memórias, Sentidos e Significados: Experiências com Musicalização na Terceira Idade, de Hilda Natume, e também a minha pesquisa/dissertação. Também há as pesquisas que tiveram início no ano de 2017: Artesania: Formação Cultural e Construções Identitárias em Espaços Não Formais da Educação, de Rita de Cássia Fraga da Costa, e Experiências Sensíveis Atravessadas pela Literatura em Espaços Não Formais de Educação, de Letícia Caroline da Silva Jansen.

Minha pesquisa/dissertação também contou com um grupo de pesquisadores que teve em comum o mesmo campo e protagonistas – os idosos. Nosso grupo foi formado por três pesquisadores, eu, Ana Cristina, Hilda Natume e Leandro Barrocas, pesquisando a terceira idade, cada um abordando determinado assunto. Hilda associou a terceira idade com a musicalização e Leandro, com as políticas públicas, especificamente a política de assistência social relacionando o CRAS e a terceira idade.

O título da minha pesquisa/dissertação ficou assim definido “Memórias e sentidos na terceira idade: experiências pela via da estética”, com o objetivo de *analisar as práticas educativas pela via da estética na terceira idade, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando memórias e experiências como possibilidade de construção de sentidos e relações com o cotidiano.*

O que me levou a esse objetivo? Foi sem dúvida a seguinte problematização: *quais memórias e sentidos são mobilizados por meio de experiências estéticas em práticas educativas com a terceira idade?*

Tal problemática me acompanhou durante todo o trajeto de pesquisa, apontando pistas interessantes, no sentido de desconstruir a ideia de que o idoso não contribui com questões culturais, sociais e estéticas. Ao contrário dos estereótipos criados pela sociedade, as experiências e memórias dos idosos podem servir como referências para a construção de sentidos e saberes e para maior inserção como sujeito partícipe no contexto presente.

A revisão da literatura, o aprofundamento teórico, as experiências com três oficinas de arte, a expedição cultural, a observação de campo, as fotos e filmagens

poderão contribuir com subsídios para estudos e reflexões no campo da educação, bem como a socialização dos resultados/processos em eventos científicos e periódicos da área. Outro aspecto importante é a sistematização de novas propostas de práticas educativas, tendo as experiências estéticas como aliadas no processo de reinvenção da memória e construção de sentidos, respeitando as singularidades e diversidades da terceira idade. A pesquisa poderá ampliar os conhecimentos que fundamentam a terceira idade, de modo a incentivar práticas educativas que envolvem a experiência estética.

Sobre a relevância do tema

Para verificar a relevância do tema realizou-se uma pesquisa de estado da arte, no Banco de Teses e Dissertações da Capes, com as seguintes palavras-chave: práticas educativas, experiência estética, memória e terceira idade. Apontou-se um grande número de resultados, e ainda que se entrecruze com as palavras escolhidas para esta pesquisa/dissertação, não houve relação direta com o tema. Pude verificar nessa busca que, apesar de terem sido feitas muitas pesquisas envolvendo as palavras-chave mencionadas, as combinações revelavam que o tema não havia sido explorado sob o olhar escolhido por esta pesquisa/dissertação, um olhar sensível e associado à experiência estética. A maioria das pesquisas que se relacionavam com a experiência estética voltava-se à arte terapia, na área da Psicologia, que não é o objetivo aqui dedicado.

Em um primeiro momento realizei a pesquisa com as palavras em um único bloco, especificando somente dissertações e teses nos anos de 2015 e 2016, para otimizar os resultados. Chegou-se ao número de 37.869 pesquisas que, de alguma maneira, continham uma das palavras-chave citadas, sendo 26.773 dissertações e 11.096 teses. Do ano de 2015 encontrei 19.237 e, de 2016, 18.632 pesquisas em que apareciam pelo menos uma das seguintes palavras-chave: práticas educativas, experiência estética, memória e terceira idade.

Em um segundo momento, para refinar os resultados, defini a Educação como área de conhecimento, chegando ao resultado de 2.787 trabalhos, divididos em 1.340 no ano de 2015 e 1.447 em 2016.

Nessa fase da pesquisa, após analisar os 20 primeiros trabalhos entre dissertações e teses, encontrei apenas dois trabalhos de mestrado que se relacionavam

com a terceira idade e a história de vida dos idosos, um em Educação e outro em Psicologia. Estes foram os que apresentaram uma relação mais próxima com a temática. Na área da Educação o trabalho é de autoria de Maria Helena Sousa Ribeiro, com o título “Histórias de vida e de leitura: Memórias da terceira idade” (Universidade Federal da Bahia/2009); na área da psicologia a dissertação é de Denise Grangeiro Gondim, com o tema “O sabor da sabedoria na terceira idade: percorrendo as histórias de vida dos idosos aprendentes no Ateliê da Sabedoria” (Universidade de Fortaleza/2008). Ambos tratam do tema da terceira idade em grupos de idosos. Os dois trabalhos preocupam-se com o registro de histórias de vida e das memórias de idosos, porém não investigam como essas memórias são despertadas e como elas podem ter novos sentidos e significados no cotidiano dos idosos, tarefa que a presente pesquisa pretende cumprir.

Em outra etapa foram agrupadas as palavras de duas em duas, e para a minha surpresa, nas diversas combinações feitas, usando as áreas da Educação, da Psicologia, pesquisas de mestrado e doutorado nos anos de 2015 e 2016, nenhum resultado foi obtido, nenhuma pesquisa que se relacionasse à temática proposta nesta pesquisa/dissertação. Com tal resultado creio que a atual pesquisa tem grande relevância para a área da Educação, podendo contribuir para novas pesquisas envolvendo a experiência estética, a memória, as práticas educativas e a terceira idade.

O idoso – cidadão do mundo

A garantia de direitos, por meio de leis e conselhos, bem como a valorização da pessoa idosa, é bastante recente. No Brasil, em 4 de janeiro de 1994, foi divulgada a Lei n.º 8.842, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso e cria o Conselho Nacional do Idoso, formalizando o uso do termo idoso.

Somente alguns anos depois o Estatuto do Idoso foi decretado pelo Congresso Nacional e sancionado pelo Presidente da República sob a Lei n.º 10.741, de 1.º de outubro de 2003. Nas disposições preliminares, diz em seu artigo 1.º: “É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos”. Sendo assim, para efeito legal será considerada idosa a pessoa dentro dessa faixa etária (Estatuto do Idoso). O referido Estatuto vem para garantir que o idoso possa gozar de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, pontuando as responsabilidades de cada setor para a proteção e garantia desses direitos.

Na presente pesquisa/dissertação defino idoso como uma pessoa com 60 anos ou mais e que tem tido uma perspectiva de vida cada vez mais longa, em relação aos séculos passados. Esse fenômeno é considerado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como fruto na queda da natalidade e da mortalidade de maneira geral. A expectativa de vida do brasileiro ao nascer subiu para 75,2 anos, segundo dados divulgados pelo IBGE para o ano de 2014 (IBGE, 2013). O acréscimo é de 3 meses e 18 dias em comparação com 2013 (74,9 anos). Separando os sexos, as mulheres tiveram um ganho de 2 meses e 11 dias, passando de 78,6 para 78,8 anos. Enquanto os homens ganharam 3 meses e 25 dias, indo de 71,3 para 71,6 anos. Na comparação regional, o estado que apresentou maior expectativa foi Santa Catarina (75,1 para homens e 81,8 para mulheres).

Com a ideia de uma população com uma expectativa de vida cada vez maior e com a participação mais ativa e independente dessas pessoas na sociedade, integrando-se e interagindo com seus pares, participando de grupos, gerindo sua própria vida sem depender de terceiros, criou-se uma nova relação na qual ser idoso deixou de representar inatividade e improdutividade. Esse fato torna essa camada da sociedade dinâmica e participante de novas atividades sociais e culturais.

Com o envelhecimento crescente da população brasileira, a valorização do idoso e de suas memórias e experiências se faz necessária, uma vez que a terceira idade tem muito a contribuir com sua experiência de vida e de mundo. Tal camada da população, que historicamente tem seu lugar e direitos por vezes esquecidos, precisa ser revisitada tanto em suas memórias quanto em seus saberes, dando-lhe o direito de vivenciar e experimentar novas situações.

Penso, com base na presente pesquisa/dissertação, que o conhecimento que as pessoas idosas acumularam por toda vida pode ser mediado por educadores, lugares, obras e objetos, além de poder ser registrado de alguma forma, seja por meio da linguagem oral, por meio das artes visuais ou demais linguagens. Expressando suas histórias e memórias, dando significados e novos sentidos às suas experiências, o idoso amplia suas percepções de mundo, com possibilidades de conquistar mais espaços de direito.

O idoso, nessa perspectiva, constitui-se como sujeito na ação social e na interação com outros sujeitos, internalizando significados a partir dessa interação e manifestando-os por intermédio do diálogo, de novos saberes e, especialmente, das experiências. Nas palavras de Larrosa (2002, p. 163), “é experiência aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma”.

Ao abordar, durante o trajeto desta pesquisa/dissertação, questões referentes à memória, sensibilidade e estética, utilizarei a expressão terceira idade, muito próxima à visão de Peixoto (1998, p. 76), quando afirma:

Sinônimo de envelhecimento ativo e independente, a terceira idade converte-se em uma nova etapa da vida, em que a sociedade simboliza a prática de novas atividades sob o signo do dinamismo. A velhice muda de natureza: “integração” e “autogestão” constituem as palavras-chave desta nova definição. Assim, a criação de uma gama de equipamentos e de serviços declara a sociabilidade como objetivo principal da representação social da velhice de hoje. [...] A expressão “terceira idade” não é um simples substituto do termo velhice.

Ou seja, compreendo o idoso como uma pessoa que, além de contribuir para a sociedade com suas experiências e conhecimentos de vida, interage ativamente dos processos vigentes de vida, no que diz respeito às questões sociais, culturais e estéticas.

O envelhecimento é algo inerente à nossa vontade e característico do ser vivo. Começamos a envelhecer logo que nascemos, cada dia que passa ficamos mais velhos. E esse processo vai se desenvolvendo por vários períodos da vida, agregando experiências únicas. A terceira idade é mais uma fase pela qual o ser vivente passa e que

traz consigo diferentes dimensões (biológica, social, cultural e estética), constituídas nas experiências vividas em todas as fases de vida nos contextos da família, da escola, da religião e qualquer outro lugar ou espaço em que está ou que tenha estado.

Os protagonistas desta pesquisa/dissertação, portanto, são idosos que em sua maioria viveram a maior parte da vida no campo desempenhando atividades agrícolas e pecuárias e que não tiveram a oportunidade de ter contato com a arte durante sua infância e juventude. Hoje vivem no bairro Jardim Paraíso e são atendidos pelo CRAS, participando semanalmente do grupo de convivência de idosos.

Memória e sensibilidade

A possibilidade de pessoas idosas revisitar suas memórias a partir de experiências estéticas, tendo como base ações mediadoras e a sensibilidade, e o quanto essas experiências podem contribuir nas suas vidas cotidianas é o que me mobiliza nesta investigação. Como afirma Duarte Junior (2002, p. 91),

no momento da experiência estética ocorre um envolvimento total do homem com o objeto estético. A consciência não mais apreende segundo as regras da “realidade” cotidiana, mas abre-se a um relacionamento sem a mediação parcial de sistemas conceituais.

O envolvimento com o objeto estético desloca o idoso no tempo, ou seja, a realidade não mais representa uma concretude. A experiência oportuniza novos significados por meio dos sentidos e o sensível torna-se presente, transformando o momento e despertando memórias. Experiências estéticas o fazem revisitar memórias e transportá-las para a sua vida e possibilita-lhe a ressignificação de novas experiências, levando-o a ressignificar a realidade, de maneira a construir novos sentidos e significados para sua vida.

Tenho observado em minha experiência como educadora, principalmente no trabalho com os idosos, como as ações propostas desencadeiam falas recheadas de afetos, memórias e sensibilidade. Ações estas que envolvem a arte, e o contato com o sensível traz momentos únicos, com experiências que despertam os sentidos. “Quando aprendemos algo, estamos de certa forma criando-lhe uma significação, com base em nossas vivências e conceitos” (DUARTE JUNIOR, 2002, p. 99).

Nessa significação, especialmente para os idosos, a memória pode ser condutora

de sentidos, pois, segundo Bosi (1994, p. 47), “a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida”. E no caso da pessoa idosa a experiência adquirida nos anos vividos lhe trará memórias, que poderão ou não ser comuns a outros idosos do grupo. Essas memórias podem oportunizar novas experiências por meio de experiências estéticas e do afeto, articuladas à sensibilidade. Meira e Pillotto (2010, p. 26) assim se expressam:

Os afetos agem no discurso sob formas também não verbais, por meio de gestos, sonoridades, virtualidade, imagens, enfim, por múltiplas expressões e conexões, por movimentos que dão plasticidade, dramaticidade e musicalidades, ao que é produzido na relação consigo mesmo e com o outro.

A memória pode ainda mobilizar o pensamento imagético e levar o idoso a melhor compreender seu papel no contexto em que vive em que a experiência e o conhecimento vivenciado é algo que ninguém lhe pode tirar, mas que de alguma forma pode ser compartilhado com outros. Portanto, temos muito que aprender com alguém que muito viveu, aprendeu e que ressignifica a cada dia sua história, sobretudo pela memória e laços de afetividade. Nessa perspectiva, Bosi (1994, p. 47) reitera a importância da memória:

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Puffal, Wosiack e Becker Junior (2009) também trazem as expressões artísticas como ligação entre o inconsciente e o consciente, que revelam arquivos escondidos em nosso imaginário, ou seja, concebem lembranças, emoções e sentimentos. Skliar (2012, p. 32) complementa: “não existe tal coisa como o esquecimento. Essa é uma invenção da memória”.

Para Jacques Le Goff (2003), a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao sujeito atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. A memória age sobre o que foi vivido e recupera algo que está submerso. A memória reelabora a realidade vivida pela imaginação.

Em práticas educativas que envolvem experiências estéticas a partir das linguagens/expressões artísticas, os idosos poderão acessar memórias, constituindo

significados, e olhar por um novo ângulo suas experiências passadas, dando-lhes um novo sentido e significado para sua vida atual. E com as novas situações experimentadas não só se atribui sentido ao vivido no presente, como se organizam outros sentidos e talvez se estabeleçam novas reinvenções e significados. Pode-se pensar, portanto, que o significado se constrói de acordo com as situações vivenciadas. Estamos sempre criando novas interpretações e sentidos para nossas experiências vividas.

Halbwachs (2004) aponta que as lembranças podem ser ativadas pela vivência em grupo, ser reconstruída ou simulada. Ouvindo alguém narrar sobre suas memórias, imaginando como ocorreram suas experiências, podemos criar nossas próprias representações do passado, com base na percepção do outro. A lembrança, de acordo com Halbwachs (2004, p. 76), “é uma imagem engajada em outras imagens”. Ou ainda,

a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (HALBWACHS, 2004, p. 75-76).

A memória, então, é uma experiência de vida? Sobre essa questão podemos dizer que a experiência tem grande valor e importância nas memórias de uma pessoa, pois diz muito sobre a maneira como ela viveu e como determinada experiência a marcou e a afetou. Nas palavras de Larrosa (2002, p. 21), “[...] a experiência nos afeta de algum modo, deixa marcas e vestígios”.

Experiência estética – sentidos e afetos

Hoje sabemos que o idoso continua com sua capacidade de concentração e de aprendizagem, uma vez que é possível viver bem apesar das limitações ocasionadas pela idade e impostas pelo envelhecimento do corpo, podendo superá-las com experiências estéticas e afetivas. Afinal, como nos provoca Skliar (2012, p. 133), “não descobrimos a velhice. Somos descobertos por ela”.

A minha escolha pelo caminho das experiências estéticas por meio de práticas educativas se deu especialmente por entender que os processos de criação, seja no fazer artístico ou na ressignificação de memórias, pode ser uma forma de o idoso sentir-se protagonista na construção de sua e de outras histórias. Entendo que o saber da experiência é singular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Duas pessoas, ainda que participem do mesmo acontecimento, não necessariamente compartilham da mesma

experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua (LARROSA, 2002).

E a experiência estética, como está para nossa vida? Meira e Pillotto (2010) destacam a importância da experiência estética e afirmam que esta mobiliza o potencial poético dos sujeitos e grupos. Nesse sentido, o imprevisível instala-se num caos sensível que gira à nossa volta, tecido por redes tramadas por afetos que desatamos e desembrulhamos em cada dia de nossas existências.

E o sentido, como fica nessa teia que é mobilizada pela experiência? O sentido tem caráter simbólico, é o instante, não tem a estabilidade de um significado, pois muda de acordo com os eventos. Tem caráter provisório e é revisitado, tendo novo sentido em situações novas. Trata-se do elemento mediador da relação sujeito/mundo. O sujeito se constitui como indivíduo na ação social e na interação, internalizando significados a partir do social (VYGOTSKY, 2000). O sentido tem efeitos... E o que podemos entender por efeito?

Para Deleuze (1974), um efeito é algo disparado que acontece nos encontros. Ao encontrar-se com suas memórias, as pessoas podem disparar efeitos que provocarão diferentes reações. Para cada pessoa as coisas provocam uma reação diferente, dispara diferentes efeitos, remete a algum tempo, faz lembrar. Dependendo da trajetória de vida de cada um, o efeito será diferente. O efeito é disparado por uma gama de coisas, um cruzamento de vários acontecimentos, como história de vida, memórias, modo de percepção, preocupações, culturas, lugares, o modo como vivemos, nossas relações cotidianas, nossos hábitos. Há todo um contexto em que esse efeito se dá. Tudo que está presente em nós, mesmo não visível e explícito. Tudo isso atua nos sentidos que se criam. Deleuze (1974, p. 34) define sentido como uma “tênue película no limite das coisas e das palavras”.

E como perceber os efeitos que a experiência estética pode causar nos idosos? Como traçar esse caminho na presente pesquisa/dissertação?

A estética encarrega-se de refletir e analisar o que se entende por conhecimento sensorial ou experiência sensível. O que é estético atrai os sentidos, logo, tudo o que atravessa as sensações humanas poderia ser considerado estética, tendo o homem como produtor de conhecimento sobre suas experiências sensoriais. O sujeito experimenta o objeto estético como uma qualidade de sentimento. A percepção estética é uma forma peculiar de atenção, sensível e afetiva, e a experiência ocorre de modo independente do

nível socioeconômico ou nível de escolaridade; a experiência estética é essencialmente uma experiência perceptiva. A experiência estética é primeiramente uma experiência sensível (REIS, 2011).

Para Merleau-Ponty (2005, p. 187), a experiência estética permite-nos conhecer e vivenciar algo diferente de nós mesmos e uma realidade diversa da nossa e, portanto, nos conecta “com a alteridade e com o novo, o inédito, o único, que exige de nós criação para dele termos experiência”. A experiência estética nos traz de volta a nós mesmos alterados por essa experiência. A experiência estética está no nível da sensibilidade, e não no pensamento.

Estética, palavra que vem do grego, *aesthesis*, que significa percepção pelos sentidos, é tudo que afeta os sentidos, o que podemos perceber, sentir, ou seja, o conhecimento sensível, e não necessariamente o que é belo. Assim, falar em estética é sempre referir-se a uma experiência. Toda experiência cotidiana, toda experiência sensorial envolve uma experiência estética. Em alguns momentos estamos abertos a ela e em outros não, assim a estética nos ajuda a entender como tal experiência pode ser significativa. Na filosofia, estética é a disciplina que se refere aos objetos que provocam em nós uma experiência estética. Para Baumgarten, filósofo alemão que introduziu a palavra estética no vocabulário filosófico em 1750, a estética tem exigências próprias em termos de verdade, pois alia a sensação e o sentimento à racionalidade. No seu entendimento, a estética deve dirigir a faculdade do conhecer pela sensibilidade.

Como define Duarte Júnior (2003, p. 12), “estética é a parte da filosofia dedicada a buscar sentidos e significados para aquela dimensão da vida na qual o homem experimenta a beleza”.

Pareyson (2005), no seu livro *Os problemas da estética*, diz que a estética é ampla, ela não tem normas, ela não se configura como uma parte da filosofia, mas como uma filosofia propriamente dita. Para o autor, a estética não possui caráter normativo nem valorativo, tem caráter especulativo, e não prescritivo (OLIVEIRA, 2013).

Abordagens de pesquisa

As propostas realizadas nesta pesquisa/dissertação não tiveram o propósito de possibilitar momentos terapêuticos ou apenas de fazeres artísticos, mas sobretudo de exceder esses limites, oportunizar ao idoso a ampliação de horizontes e objetivar uma reeducação do olhar, do sentir, do afetamento e do fazer/refletir.

Com base nessas reflexões estou buscando um caminho de pesquisa. E qual seria esse caminho, que impulsiona memórias, sentidos e experiências estéticas? Esse caminho só poderia ser de sensibilidades, como o caminho da narrativa. Poderão as experiências e as memórias ser percebidas em toda sua complexidade na presente pesquisa/dissertação?

Escolhi para traçar esse caminho a abordagem qualitativo-narrativa, que na visão dos autores Clandinin e Connelly (1995, p. 12) toma tanto o fenômeno a ser pesquisado como o método utilizado na investigação. As autoras afirmam que narrativa é a qualidade que estrutura a experiência a ser estudada e também procedimentos de investigação adotados para estudar e compreender os processos dados na pesquisa. As autoras, ao comentarem sobre a investigação narrativa, explicam:

Um pesquisador entra nessa matriz no durante e progride no mesmo espírito, concluindo a pesquisa ainda no meio do viver e do contar, as histórias de experiências que compuseram as vidas das pessoas, em ambas perspectivas, individual e social (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 51).

A abordagem qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO, 2010). Com base nesse viés, utilizei os seguintes procedimentos: revisão bibliográfica para aprofundamento teórico, trabalho de campo (três oficinas e uma expedição cultural), produção/análise dos dados e elaboração do texto final da dissertação.

Os instrumentos de produção de dados da pesquisa foram: observação de campo, oficinas estéticas no CRAS, registro fotográfico e filmagens. Ressalta-se que se registraram com fotografias todos os momentos relevantes para a pesquisa, igualmente aconteceu com as filmagens realizadas nas três oficinas. O uso da fotografia teve como objetivo atribuir significado às imagens, valorizando as expressões e reações dos idosos durante as oficinas, ou seja, registrar o evento durante o seu acontecimento para

posteriormente ser usada como um dado da pesquisa. A fotografia nesta pesquisa é entendida como um artefato social e documento/monumento (LE GOOF, 2003) que eterniza a memória coletiva e a história dos indivíduos e pode desvelar particularidades do passado. A fotografia exerce um papel de testemunha do momento, registra os olhares, sorrisos e até sentimentos envolvidos na ação. Como apontou Susan Sontag ao dizer “aqui está a superfície. Agora pensem, ou antes, sintam, intuem o que está por detrás, como deve ser a realidade se esta é a sua aparência” (1986, p.30). A fotografia tem uma multiplicidade de sentidos, ela nos convida ao seu desvendamento. A interpretação da imagem será sempre pessoal, subjetiva e múltipla.

Os instrumentos e os procedimentos de geração e de análise dos dados produziram um grande acervo, que foi usado como recurso e apoio à escrita.

As abordagens apropriadas para esta pesquisa/dissertação envolvem multiplicidades e diferenciações, movimento e fluidez, inerentes à construção das subjetividades, constituindo-se num exercício permanente de construção e desconstrução de significações. Para adentrar no contexto de experiências, memórias, subjetividades e construção de sentidos, tendo o idoso como protagonista principal das narrativas, escolhi caminhos que me apoiaram no que diz respeito aos conceitos e às metodologias adotadas.

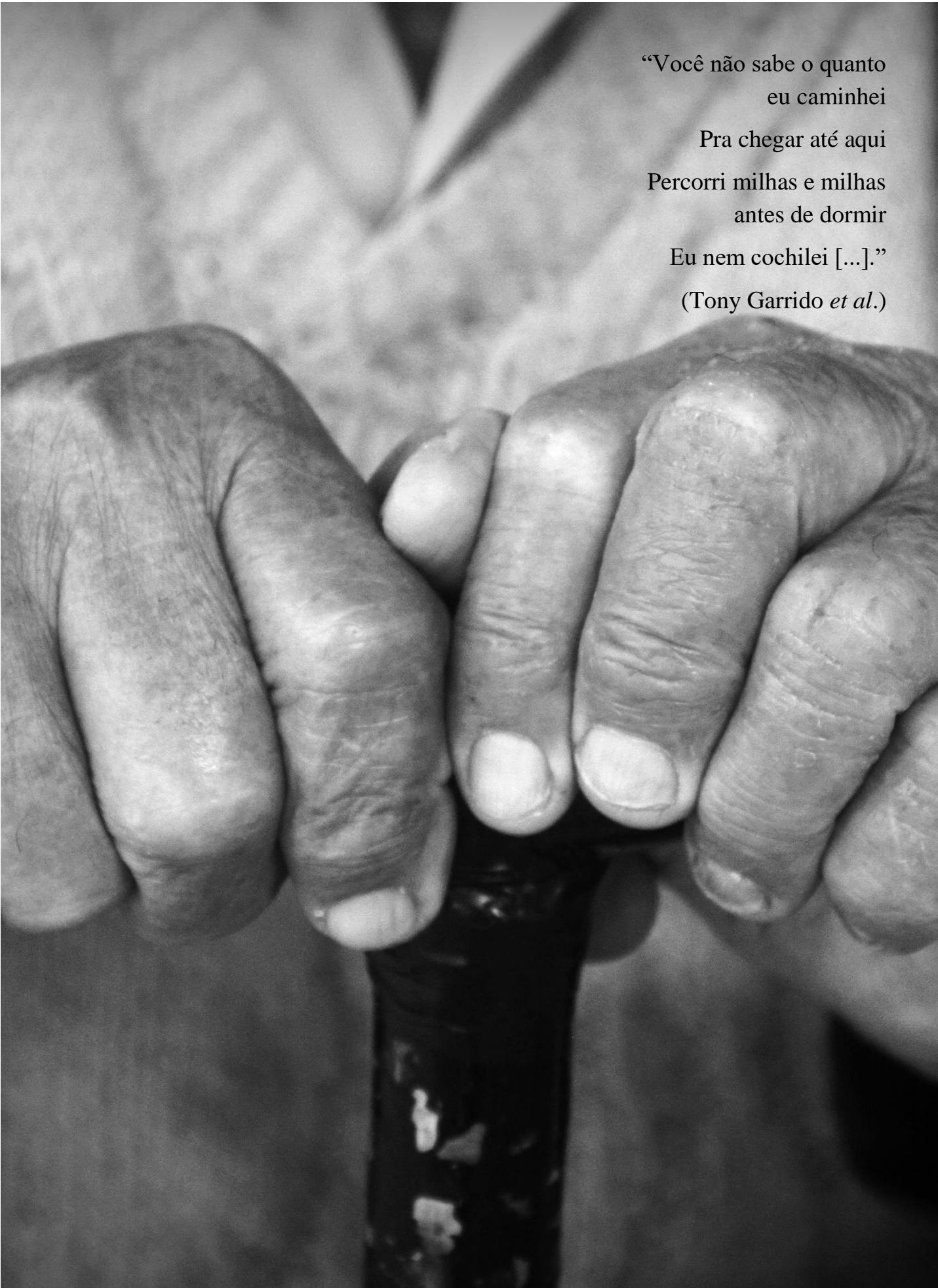
Em “Caminho 1 – Encontros e encantamentos: descobrindo a educação”, considere a minha experiência e como ela interferiu e me constituiu como educadora. Abordei o meu processo de formação e como cheguei à proposta de pesquisa/dissertação, como escolhi o CRAS e o grupo de idosos para essa caminhada como pesquisadora, descrevendo como se deu a pesquisa, seu objetivo, desenvolvimento, coleta e análise de dados.

O “Caminho 2 – Encontrando o CRAS e outros lugares: revisitando memórias e reinventando histórias” apresenta os campos de pesquisa, refletindo sobre os lugares de encontro e suas bagagens estéticas. Quais identidades o CRAS e o Conservatório Belas Artes nos remetem? Quais os significados e sentidos têm esses lugares para os idosos? Quais conceitos referentes às artes e aos lugares trazendo o idoso como sujeito de ação e interação encontramos pelo caminho? Aqui a abordagem narrativa ganha força, pois é no caminho que o caminhar acontece; é na aventura da experiência que o encontro com o outro, consigo mesmo, com os lugares, a arte e os lugares toma nossos sentidos, agregando em nossas almas algo que ainda não conhecemos.

Trilhando pelos sentidos e afetos, em “Caminho 3 – Despertando sentidos com aromas, sabores e sonoridades”, são narradas as experiências estéticas nas linguagens/expressões das artes visuais. Nessas experiências estarão contidas memórias, afetos e ação/reflexão em desdobramentos de três encontros/oficinas, que atravessam sonoridades, imagens e poesias. Encontro de/com pessoas, que estão disponíveis nesse tempo/lugar em que as memórias afetivas florescem, trazendo singularidades que, junto com outras singularidades, formam a totalidade nos sentidos entremeados de afetos.

Nesse caminho, abrimos a porta das sensibilidades, e lá estão as “memórias e sentidos na terceira idade”, impulsionando-nos a ver/sentir de outra forma, quem sabe pela via da estética. Ou ainda pela passagem do tempo, com sua infinita conversa entre presente/passado, entre o eu e o outro.

A materialidade, fruto das experiências estéticas e da expedição pela arte, é apresentada e refletida no “Caminho 4 – Na despedida: percursos de memórias e sentidos”. Caminho de idas e vindas, caminho que se finaliza por segundos, ao término de uma pesquisa/dissertação, mas que ficará presente em nossas memórias. Nesse caminho que se finda sem chegar ao fim, teremos o desafio de perceber quais foram as marcas deixadas pelas experiências estéticas dos idosos e se as práticas educativas em artes visuais na terceira idade, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizaram memórias e experiências como forma de construção de sentidos e relações com o cotidiano.



“Você não sabe o quanto
eu caminhei
Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas
antes de dormir
Eu nem cochilei [...]”
(Tony Garrido *et al.*)

CAMINHO 2.

ENCONTRANDO O CRAS E OUTROS LUGARES: REVISITANDO MEMÓRIAS, REINVENTANDO HISTÓRIAS

“Você não sabe o quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas antes de dormir
Eu nem cochilei [...]”
(Toni Garrido *et al.*)

A letra da música “A estrada” – “Você não sabe o quanto caminhei pra chegar até aqui [...]” – representa bem a trajetória do idoso, que depois de uma longa vida de trabalho e de caminhar por várias “estradas”, por vezes suaves e por outras tortuosas, buscando atalhos, subindo, descendo, segue caminhando em frente. E nesse caminhar aconteceu o encontro com o grupo de convivência do CRAS, local em que os idosos podem compartilhar toda a sua vivência, contar suas histórias, criar novas, participar de aventuras, o que possibilita o convívio e o contato com suas memórias afetivas.

Para situarmos onde aconteceu esse encontro é importante apresentar o CRAS como uma unidade de proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). O objetivo é prevenir a ocorrência de situações de vulnerabilidade e riscos sociais nos territórios, por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições, do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários e da ampliação do acesso aos direitos de cidadania (CRAS, 2009).

O CRAS representa a principal estrutura física local para a proteção social básica e desempenha papel central no território onde se localiza. Nesse sentido, destacam-se como três principais funções do CRAS: a oferta de serviços, programas e projetos socioassistenciais de proteção social básica para as famílias, seus membros e indivíduos em situação de vulnerabilidade social; a articulação e o fortalecimento da rede de proteção social básica local; prevenção das situações de risco em seu território de abrangência, de modo a fortalecer vínculos familiares e comunitários e garantir direitos.

A localização do CRAS é fator determinante para que esse espaço viabilize, de forma descentralizada, o acesso aos direitos socioassistenciais. De acordo com as políticas públicas, o CRAS deve ser instalado prioritariamente em locais de maior concentração de famílias em situação de vulnerabilidade, com concentração de famílias com renda *per capita* mensal de até ½ salário mínimo, com presença significativa de famílias e indivíduos beneficiários dos programas de transferências de renda, como o Benefício de Prestação Continuada (BPC), Bolsa Família e outros, conforme indicadores definidos na Norma Operacional Básica – NOB/SUAS (BRASIL, 2005). Cada município deve identificar seus territórios de vulnerabilidade social e neles implantar um CRAS, a fim de aproximar os serviços oferecidos aos cidadãos que deles necessitem.

A pessoa idosa, na Política Nacional de Assistência Social (BRASIL, 2004), é compreendida como sujeito de direitos, cidadão, participante da sociedade. Além da Constituição Federal, a Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1994) e o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) dão sustentação a essa concepção de sujeito de direitos.

Tal visão é fundamental para a forma como o idoso é considerado, tratado, cuidado e protegido pelos profissionais que executam os serviços socioassistenciais, pelo poder público, pelas instituições e pela sociedade. O idoso, portanto, tem direitos de escolha e não é necessariamente uma pessoa submissa, passiva e dependente da caridade e da benevolência dos outros.

O grupo de convivência

Ao chegar ao CRAS e acessar os programas oferecidos por ele, o idoso é convidado a participar do grupo de convivência e fortalecimentos de vínculos, o qual tem uma programação de temas voltados para a cidadania e garantia de direitos.

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) é um serviço de Proteção Social Básica do SUAS ofertado de forma complementar ao trabalho social com famílias realizado por meio de Serviço de Proteção e Atendimento Especializado às Famílias (PAIF) e do Serviço de Proteção e Atendimento Especializado às Famílias e Indivíduos (PAEFI).

O SCFV realiza atendimentos em grupo, em que são oferecidas atividades artísticas, culturais, de lazer e esportivas, dentre outras, de acordo com a idade dos usuários. No caso dos idosos, esse serviço visa contribuir para a melhoria da qualidade

de vida das pessoas idosas e de suas famílias, tendo como foco o processo de envelhecimento ativo e saudável, o desenvolvimento da autonomia e de sociabilidade.

O SCVF é uma forma de intervenção social planejada que cria situações desafiadoras, pautadas nas características, nos interesses e nas demandas dessa faixa etária. Valoriza as experiências vividas, estimula e orienta na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais, coletivas e familiares. Os usuários do SCVF são organizados em grupos, a partir de faixas etárias ou intergeracionais.

Alguns pesquisadores da área do envelhecimento, como Rabelo e Neri (2005), se referem a estudos sobre a importância do suporte social na qualidade de vida, no bem-estar e saúde do idoso. O convívio com amigos, vizinhos, a comunidade, grupos de maneira geral possibilita um melhor enfrentamento de situações difíceis. Além disso, esse convívio fortalece a autoestima, autoconfiança, aumenta a sensação de autonomia e capacidade diante das dificuldades.

O grupo de convivência é compreendido como uma criação coletiva e precisa fazer sentido para cada um de seus integrantes. O melhor modo para isso é constituindo-se em um lugar de troca, de compartilhamento, de experiências, de histórias e vivências significativas. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós é na verdade inspirada pelo grupo, além da memória afetiva, que os impulsiona a construir novos sentidos para suas vidas.

Acerca da memória individual, Halbwachs (2004) refere-se à existência de uma “intuição sensível” que remete à participação do indivíduo na formação das lembranças, sendo o sujeito um instrumento das memórias do grupo, mesmo quando lembra individualmente. No grupo cada um de seus integrantes é parte importante, traz contribuições para o coletivo e também aprende com ele, com as experiências trazidas pelos membros. Essa troca consiste em uma vivência rica, característica da experiência de grupo.

Compartilhar experiências possibilita amparo, proteção e pode gerar uma multiplicidade de outras vivências para cada um dos participantes do grupo. As contribuições e os compartilhamentos a partir dessas vivências em grupo ajudam na formação da memória. Halbwachs (2004) aponta que as lembranças podem ser reconstruídas ou simuladas. Podemos criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização

de representações de uma memória histórica. Ao tratar de encontros intergeracionais, incluindo pessoas idosas, Silveira (2002, p. 8) traz a seguinte definição para grupo:

O grupo é um espaço ímpar para assimilação de novas atitudes, promovendo mudanças rápidas e eficientes. O grupo permite que se veja uma mesma situação de maneiras diferentes, favorecendo o respeito às diferenças. O grupo informa, esclarece, reorganiza. Além do mais, ele apoia e melhora o relacionamento interpessoal e neste sentido, o compartilhar faz descobrir identidades. Embora o grupo seja um lugar de interação e comunicação, não são apenas as características sociais que se desenvolvem. Nele as pessoas podem tomar consciência dos seus traços mais individuais, dos seus, do que acha que deve ser guardado em segredo, dos sentimentos mais ocultos que podem ou não ser partilhados, de suas preferências, de seus gostos, da sua função e do seu papel dentro e fora dele.

Nos encontros do grupo de convivência no CRAS, os idosos têm contato com alguns temas específicos: a memória, as artes e a cultura.

Para tratar do tema memória, são desenvolvidas no grupo atividades práticas que envolvem rodas de conversa sobre histórias de vida e da comunidade, desenvolvimento de habilidades artísticas e realização de oficinas artísticas e culturais. As oficinas privilegiam a expressão artística e cultural dos idosos com base em seus interesses, experiências e conhecimentos, valorizando a contribuição de cada um dos idosos nas atividades, reiterando a sua participação no grupo e sua capacidade de escolha e decisão.

Baseando-me nas políticas de atuação do CRAS, escolhi propor ações em artes visuais com ênfase na experiência estética para as oficinas que fazem parte de minha pesquisa. Vale ressaltar que as oficinas e experiências estéticas no grupo de idosos não tiveram o propósito de terapia, ou apenas de trabalhos manuais, mas, sobretudo, visaram exceder esses limites, ampliando horizontes e objetivando uma reeducação do olhar, do sentir e do fazer. Vygotsky (2001) faz considerações sobre o ato de fruir ante obras de arte e de como o sujeito pode modificar sua forma de pensar, de agir e sentir no meio em que vive. Conforme o autor (1999, p. 315):

A arte é o social em nós, e se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que suas raízes e essências sejam individuais. [...] O social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções. [...] As refundições das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento social que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumento da sociedade.

Nesse viés, Coli (1981) observa que a arte é portadora de sinais, cujas marcas são deixadas pelo não racional, social e histórico, e que se trata de uma forma específica de conhecimento, cujo objeto artístico é um meio de despertar as emoções do indivíduo, servindo como base para compreensão do mundo.

Nesse sentido, o meio constitui o sujeito, atribuindo significados aos eventos, aos objetos, aos seres, tornando-se, portanto, o sujeito um ser histórico e cultural. A esse respeito encontram-se referências na obra de Vygotsky (2000, p. 44) quando diz que o meio é revestido de culturas, apreendidas com a participação de mediadores: “[...] o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pela experiência sociocultural”.

E com as novas situações experimentadas não só se atribui sentido ao vivido no presente, como se produzem outros sentidos, e talvez se estabeleçam significados. Pode-se pensar, portanto, que o significado se constrói de acordo com as situações vivenciadas. Estamos sempre ressignificando os significados.

Encontrando outros lugares

Uma das primeiras ações que desenvolvemos com o grupo de idosos do CRAS foi a de levá-los a um espaço em que pudessem ter contato com as artes visuais, a música, o teatro e a dança – o Conservatório Belas Artes de Joinville.

A visita a esse lugar foi muito significativa, tanto para os idosos, que tiveram a oportunidade de assistir a um ensaio aberto de um espetáculo que contemplava dança, música e canto, quanto para quem os acompanhava. O encantamento, a surpresa e a expectativa eram visíveis em seus olhares, movimentos e expressões.

Esse encontro com as artes fez parte da proposta da pesquisa, pois mobilizou os idosos a revisitarem suas memórias e experiências vividas no passado e também as do presente, intermediadas pela experiência estética. Com esse encontro surgiram algumas indagações: *como as memórias dos idosos se manifestam no grupo? A memória do outro mobiliza outras memórias? As memórias seriam comuns a alguns do grupo?*

Para além da formação da memória, Halbwachs (2004) aponta que a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas; são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. Sendo assim, essas perguntas ficaram por algum tempo em

suspense até acontecer a roda de conversa, na qual os idosos puderam se manifestar, narrando suas experiências nessa expedição.

Então vamos começar do começo, da saída do grupo de idosos do CRAS – Jardim Paraíso, bairro distante 15 km do centro da cidade onde está localizado o Conservatório Belas Artes.

A chegada do grupo ao CRAS se deu às 8 horas da manhã, e o transporte já os aguardava no local. A expectativa era grande, e enquanto esperavam o horário da saída os idosos conversavam sobre onde e o que iriam assistir. Sabiam que era uma apresentação artística, mas não conheciam os detalhes. Seria uma surpresa para eles.

Depois que todos já haviam chegado, acomodaram-se na Van que os levaria ao local da apresentação. A aventura começara, e durante o trajeto as conversas animadas eram intercaladas por risos e expressões de curiosidade. A todo o momento vinha a pergunta: *O que vamos assistir?* Assim seguimos até chegar ao Conservatório. Lá deparamos com algo curioso e estranho para alguns idosos, o elevador, já que existem no grupo idosos que viveram muitos anos no campo e, ao se mudarem para a cidade, ficaram restritos ao convívio do bairro onde vivem. A maioria não teve a oportunidade de conhecer algo como, por exemplo, um elevador. Depois desse contato, chegamos ao auditório onde aconteceram as apresentações.

Ali toda a magia e encantamento se deram. O espaço era diferente do habitual, cadeiras estofadas e organizadas em fileiras; na frente um palco com luzes coloridas e vários instrumentos dispostos de forma harmoniosa. Nesse momento as expressões dos rostos ficaram mais fortes e marcantes. Olhavam para todos os lados, surpresos e curiosos. Em cada rosto podíamos ver a expectativa e o prazer em estarem ali.

Enfim as luzes da plateia se apagaram, e o foco passou para o palco. Os artistas começaram a ocupar os seus lugares, iniciando as apresentações. Música, canto e dança misturavam-se; os sentidos estavam em alerta para ouvir, ver e sentir o movimento dos artistas, tudo numa profusão de sentimentos. Uma nova experiência seria vivida e experimentada pelo grupo de idosos naquele momento, e isso os afetaria de maneira singular. Cada um dos idosos do grupo experimentaria sensações diferentes a partir da mesma situação.

A experiência ocorre, continuamente, porque “a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvido no próprio processo de viver” (DEWEY, 2010, p.

109). E era isso que estava acontecendo ali, naquele lugar e naquele momento. Os idosos estavam vivendo e tendo experiências estéticas únicas.

Ao som da música, pés, cabeças e mãos balançavam, acompanhando o ritmo das canções. Com certa timidez e em sussurros, os idosos cantarolavam, seguindo as vozes dos cantores, com olhos vidrados ao ver a movimentação no palco. Suspiros e leves movimentos com o corpo. O leve toque dos dedos no piano, o sopro, que surge do encontro dos lábios com a flauta, as cordas a vibrar de um violão, tudo isso traz sons suaves e doces que acariciam os ouvidos e a mente, refletindo no corpo por meio de pequenos movimentos, porém cheios de intenções e sentidos.

Para Dewey (2010), os sentidos para a criatura viva é o que a liga a todas as coisas que acontecem em seu meio. É a partir da ação, da participação que essas coisas vão se tornando reais à medida que ela vai vivenciando. Toda essa vivência dá origem à experiência (resultado da interação com o meio). A experiência não cessa, pois a interação com o meio é contínua, e com essa interação vai-se adquirindo novas experiências. As coisas que estavam guardadas de uma experiência anterior começam a ganhar um novo significado a partir das novas experiências. Esse momento que o grupo de idosos viveu foi uma experiência ímpar que trouxe novos significados para a vida de cada um dos membros do grupo.

Memórias e lembranças

Em uma sala do Conservatório, após a apresentação artística, o momento da troca, da conversa, das lembranças, das experiências compartilhadas se deu em um encontro sensível, cheio de referências do passado, que por vezes se mostrava comum a vários idosos do grupo. Como participantes das pesquisas entrelaçadas, estavam presentes os pesquisadores do NUPAE Leandro Barrocas e Hilda Natume e as orientadoras Silvia Pillotto e Jane Voigt, que acompanharam todo o processo de geração de dados da pesquisa. Como as pesquisas estão entrelaçadas, Leandro e Hilda também desenvolveram seus trabalhos com os idosos do CRAS, cada um com a sua questão de investigação específica.

O espetáculo a que acabaram de assistir despertou nos idosos sensações ativadas pelos sentidos. A experiência estética que viveram trouxe novos significados para

experiências mais antigas. Experiências que tiveram na juventude e nos seus lugares de origem.

Como nos diz Duarte Junior (2004, p. 23), “a arte pode consistir num precioso instrumento para educação do sensível”. Os idosos puderam ampliar sua percepção de mundo e de realidade. Tudo que sentiram, que viram, que ouviram naquele momento e espaço enriqueceu suas vidas, coloriu suas memórias, despertou desejos em conhecer mais, em saber mais. Educar o olhar, a audição, o tato, o paladar e olfato para apurar sua percepção da realidade.

Para alguns idosos esse encontro em um espaço específico e dedicado à arte proporcionou grandes emoções e descobertas. As histórias que surgiram nos comentários e depoimentos oriundos dessa experiência foram muito preciosas. Algumas falas desencadearam uma chuva de memórias e reflexões sobre o passado e situações atuais. Comparações de como era o comportamento dos jovens na década de 1950, os lugares onde aconteciam os bailes no “sítio”, a maneira como as pessoas se relacionavam, o respeito e a diversão sem precisar usar nenhum tipo de droga. O senhor Agostinho, por exemplo, narrou como era preparado o piso para o baile. Disse ele: *“Eles pegavam as cinzas do borralho e passavam naquele chão ali, que você olhava e dava pra se espelhar”*.

Halbwachs (2004, p. 71) afiança que “os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, que eles representam correntes de pensamento e de experiência onde encontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo”.

As memórias podem ser simuladas quando, ao entrar em contato com as lembranças de outros sobre pontos comuns em nossas vidas, acabamos por expandir nossa percepção do passado, contando com informações dadas por outros integrantes do mesmo grupo. Por outro lado, assevera Halbwachs (2004), não há memória que seja somente “imaginação pura e simples” ou representação histórica que tenhamos construído que nos seja exterior, ou seja, todo o processo de construção da memória passa por um referencial, que é o sujeito. Cada idoso do grupo tem sua experiência e memória própria, mas, ao relatarem essas experiências, emergem nos outros integrantes memórias comuns a todos, até porque a maioria viveu durante muitos anos no sítio e teve em comum a mesma cultura rural.

Ao nos reunirmos em uma sala para conversarmos, fomos tocados e vivemos mais uma experiência estética ouvindo todas aquelas memórias. A memória apoia-se sobre o “passado vivido”, o qual permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural, mais do que sobre o “passado apreendido pela história escrita” (HALBWACHS, 2004, p. 75).

Esse “passado vivido” mostrou-se presente na fala de cada idoso. O senhor Pedro comentou: *“Eu voltei quarenta anos atrás”*. O que o fez lembrar-se desse passado não foram exatamente as músicas que ouviu na apresentação, mas a situação, a circunstância. Ele nos disse: *“Eu fazia parte de um clube, eu dava assistência num clube, aí via vários artistas e estava sempre ligado a eles”*. O ambiente e as apresentações artísticas num palco despertaram algumas de suas memórias.

O senhor Nelso relacionou sua experiência atual com outra experiência estética que teve quando visitou um espaço cultural na cidade de Jaraguá do Sul: *“Uma vez nós fomos em Jaraguá, lá num negócio também desse, lá também tinha esses músicos assim”*.

O senhor João Ricardo impressionou-se com os bailarinos. Sobre isso ele comentou: *“Esses dois dançarinos aí também matou a pau. Apresentação muito boa”*. Dona Eracema acrescentou: *“Achei muito linda a bailarina, só tinha visto pela televisão, mas nunca pessoalmente”*.

A senhora Argentina mencionou: *“Pra mim foi novidade, nunca entrei em um ambiente assim”*. Um fato surpreendente aconteceu nesse dia. O senhor Portela, um dos idosos do grupo, no passado foi músico e participava de uma dupla sertaneja. Ele tocava viola caipira, e era conhecido como Zé Tapera. Ao mencionar tal fato, um dos responsáveis pelo espaço logo o reconheceu, dizendo que havia conhecido sua obra musical. O reconhecimento tocou fundo o “seu Portela”, como é chamado no grupo. Então vários músicos que estavam se apresentando pediram para serem fotografados ao seu lado.

Segundo Dewey (2010), nós nos lembramos daqueles fenômenos que formam a nossa existência atual por meio de experiências que foram incorporadas a nossa personalidade. As experiências vividas pelos idosos nesse dia inevitavelmente serão incorporadas e farão parte de suas vidas.

No entendimento de Larrosa (2002, p. 26), “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”. E os idosos, ao terem um encontro

com a arte e suas linguagens, certamente foram tocados. Seus sentidos foram abertos e suscetíveis ao novo, à descoberta. “Através da arte temos como que uma visão dos nossos sentimentos, temos formas que nos permitem ver de fora a inefável dimensão do nosso sentir” (DUARTE JUNIOR, 2003, p. 47).

O caminho de volta ao CRAS foi ainda mais curioso e cheio de referências nas conversas que sucederam. As observações e os comentários demonstravam o fascínio e o encantamento que haviam vivido e sentido com aquela experiência.

Cada idoso do grupo comentava com muita satisfação e prazer o que tinha assistido e vivenciado e o quanto foi bom reviver memórias de um tempo passado. As conversas giraram em torno dos bailes, da juventude, das amizades, dos amores, muitas lembranças. Alguns relacionavam suas lembranças a sentimentos que sentiram na visita ao Conservatório, principalmente a saudade. Saudade de um lugar, de pessoas, de situações e experiências vividas.

A memória traduzia-se em palavras que transmitiam toda uma experiência de vida, revivendo momentos do passado que permanecem, mesmo que não se tenha consciência deles. Momentos que de alguma forma tiveram algum impacto, agradáveis ou não, momentos que permaneciam na memória, por terem alguma relação afetiva, que mexeram com os idosos.

A afetividade e a emoção estão intimamente ligadas ao fato de certos acontecimentos serem lembrados e outros não. E o encontro com a música, a dança, os instrumentos despertou lembranças nos idosos que os marcaram em algum momento da vida. Durante a visita e no caminho de volta, essas lembranças, que por vezes pareciam ser comuns a mais de um dos idosos do grupo, permearam as conversas, que tinham um som muito agradável de risadas e suspiros. Risadas que contagiavam e se propagavam no interior da Van e suspiros que faziam olhos brilharem e marejarem.

Essa sensação me remete ao início, ao começo de tudo, ao meu encontro com a educação, que apesar de ser, a princípio, com a educação escolar e formal me traz grande satisfação, uma realização profissional e pessoal, uma experiência de vida. O contato com os idosos me apresentou uma nova vertente na educação, e a criação de laços de confiança foi essencial para me aproximar deles e ter contato com os eventos que os marcaram. E posteriormente laços de amizade, que são inevitáveis, já que o interesse por eles e por suas histórias e experiências nos uniu. Essa proximidade me

permite fortalecer as relações e registrar as imagens, sentimentos, ideias e valores, despertando e alimentando memórias.

Nos dias atuais, vivemos um bombardeio de informações que, por serem excessivas e rápidas, degradam a atenção e a experiência, tornando-a superficial e descartável. E como diz Bosi (2003, p. 69), “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu”. E no nosso caso, mais especificamente, transformar o grupo de idosos e a vida de cada um deles e de quem convive com eles, inclusive a minha.

A visita ao Conservatório Belas Artes foi uma aventura, uma descoberta e uma experiência sem igual, uma compilação de emoções, encontros e sensações que foi retomada e potencializada nas oficinas e experiências estéticas com estímulos sensoriais realizadas em três encontros com o grupo.

Para valorizar a experiência, o tempo e o valor da informação e da atenção, fizeram-se oficinas nas quais a experimentação despertou e trouxe à tona memórias reveladas pelos sentidos. Com o toque, com o cheiro, com o paladar e com a música, um turbilhão de sensações transportou os idosos para outro tempo e lugar. Lugar onde habitam suas lembranças, alegrias e desventuras, tempo no qual deixaram sua meninice, brincadeiras e também trabalho. Lembranças de família e relações de afeto, objetos e situações, enfim a boniteza de suas memórias.

“Nada nem ninguém
pode voltar o tempo.
A não ser uma música,
Um sabor,
Um aroma,
Uma lembrança...”
(Ana Schreiber)



CAMINHO 3.

DESPERTANDO SENTIDOS COM AROMAS, SABORES E SONORIDADES

“Nada nem ninguém
Pode voltar o tempo.
A não ser uma música,
Um sabor,
Um aroma,
Uma lembrança...”
(Ana Schreiber)

As experiências com os sentidos despertaram a boniteza das memórias de um grupo de idosos, que compartilharam suas lembranças e emoções com todos nós. Para mobilizar essas memórias as três oficinas realizadas no espaço do CRAS – Jardim Paraíso contribuíram nesse processo.

As oficinas aconteceram num intervalo de três semanas com a participação das professoras orientadoras e com mais dois mestrandos com quem compartilho a pesquisa e que fazem parte do grupo NUPAE. Os encontros foram semanais, sempre pela manhã, com a participação de 20 idosos. A proposta da primeira oficina foi mobilizar os sentidos, como tato e visão, com uso de objetos contidos em uma caixa devidamente organizada para despertar a curiosidade dos idosos. A oficina foi dividida em três momentos; cada momento teve o foco em um sentido específico, com atividades desenvolvidas para aguçar cada um deles.

Anteriormente à realização das oficinas, o grupo já havia vivenciado uma experiência estética com a expedição ao Conservatório Belas Artes, onde aconteceu o encontro com algumas linguagens das artes, como a música, a dança e o canto, sensibilizando também os sentidos.

Quadro síntese com as oficinas

Tema	Dia / horário	Atividade	Local
Expedição cultural	9/11/2016 (quarta-feira) 9 horas	Assistir a um espetáculo; roda de conversa com as percepções despertadas a partir da experiência	Conservatório Belas Artes de Joinville
Mobilizar e aguçar os sentidos: tato, visão, audição paladar, olfato.	16/11/2016 (quarta-feira) 9 horas	Caixa surpresa (tato); desenhar o que havia na caixa; cheiros e sabores (sentir cheiros e sabores com os olhos vendados) e descobrir o que seria	CRAS – Jardim Paraíso
Musicalização – Despertar memórias a partir de cantigas de roda, entre outras.	23/11/2016 (quarta-feira) 9 horas	Ouvir as cantigas e escolher uma palavra que fizesse menção às memórias que surgiram; colar figuras recortadas de revistas que tenham relação com a palavra – relatar as lembranças; relatos com histórias de vida que afloraram com as experiências e sentidos ocorridos durante as oficinas	CRAS – Jardim Paraíso

Tudo começou com uma oficina em que puderam ter sensações ativadas pelos sentidos: olfato, tato, paladar, audição e visão. Todos estavam curiosos para saber o que aconteceria ali, que experiências teriam, o que fariam e o que havia no interior daquela caixa encapada com papel colorido e para que seriam as tiras de tecido preto que estavam sobre a mesa. Muitas conversas e risos se seguiram, alguns se mostravam apreensivos. *O que será que vai acontecer?* Era a pergunta que aqueles olhares expressavam.

Satisfazendo a curiosidade do grupo, explicou-se o que iria acontecer. Nesse momento eles tomaram conhecimento de que iriam sentir sabores, cheiros, sensações, que tocariam em objetos, tentando por meio dos sentidos descobrir o que se tratava e quais memórias poderiam ser ativadas com essas experiências de viagem no tempo.

Tempo que se apresenta efêmero e simultaneamente concreto na plenitude de sensações despertadas por esses cheiros e sabores. Sensações de prazer e de alegria ou de tristezas e saudades. Esses momentos que resultam de somas sucessivas de vivências ao longo do tempo e de lugares. Como escreve Halbwachs (2004, p. 89-90), “todos os acontecimentos, todos os lugares e todos os períodos estão longe de apresentar a mesma importância, uma vez que não foram por eles afetadas da mesma maneira”.

Os acontecimentos vividos pelos idosos os afetaram de maneira diferente, desde a infância até a vida adulta, do passado até os dias atuais, cada momento, com maior ou menor significado, ou melhor, com significados diferentes. E as experiências vividas nas oficinas tiveram a função de aflorar a memória de acontecimentos, ressignificando-os.

Dentro da caixa havia vários objetos: giz de cera, pregador de roupa, algodão, tesoura etc. Na caixa um orifício para que os idosos pudessem colocar a mão e, tateando os objetos, tentassem descobrir o que se tratava. Ao tatear os objetos, os idosos, além de imaginar o que era, ativavam suas memórias relacionando os objetos a experiências passadas.

Na mesma oficina, os idosos, de olhos vendados, provaram vários tipos de frutas para que, por meio do sabor, as identificassem. Também foram oferecidas múltiplas ervas para que o olfato fosse aguçado. Ao sentir o cheiro de temperos e ervas, os idosos retomavam o seu passado, especialmente o período da infância com seus cheiros, sabores e brincadeiras.

Figura 1 – Idosos do grupo durante a primeira oficina com os sentidos

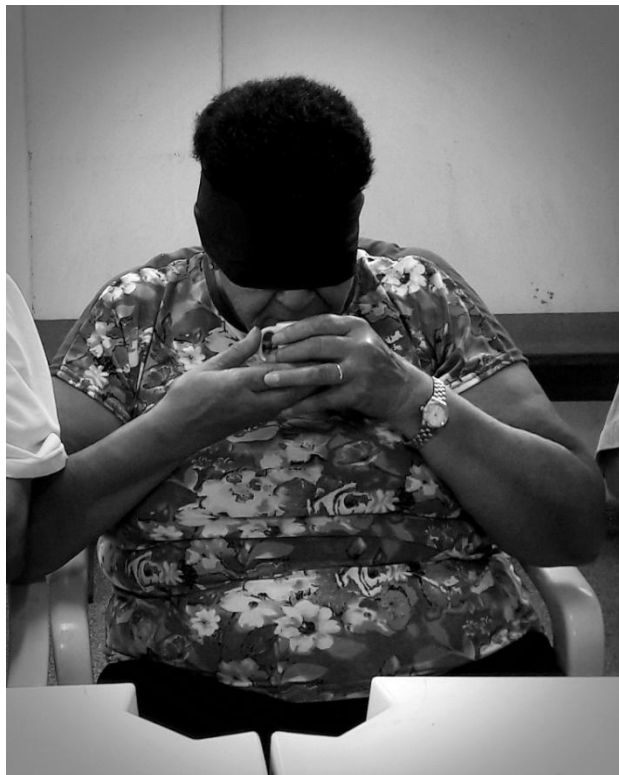


Fonte: Da autora

Os cheiros, como o pó de café, a canela, o cravo, o manjeriço, a hortelã e alguns temperos, causaram sensações e sentimentos que foram acompanhados por sons produzidos pela flauta doce da musicista Hilda Natume, que permeou toda a atividade acompanhando musicalmente as imagens que surgiam na memória dos idosos. Por conta da venda nos olhos, que causou certa vulnerabilidade aos idosos em não saber ao certo o que aconteceria na sequência da oficina, houve indagações como “*O que será que eles estão fazendo conosco?*” (senhora Argentina).

A ênfase maior nesse primeiro momento da oficina foram os cheiros, que trouxeram muitas lembranças a vários idosos. O cheiro do café causou certa agitação, muitas lembranças surgiram. Lembranças da vida no sítio, do fogão de lenha, da mãe, das manhãs frias e da lida na roça. A senhora Nena contou que sua mãe acordava cedo, colocava água para esquentar no fogão, preparava o coador com o pó de café e, ao jogar a água fervente, subia a fumaça com aquele cheirinho gostoso e que era acompanhado por um pão caseiro quentinho. A senhora Argentina, ao sentir o cheiro da cebolinha, disse que parecia farofa de ovo, a farofa que sua mãe fazia toda semana. A senhora Eracema, sentindo o cheiro do anis, lembrou-se do chá que costumava tomar quando mais nova junto com suas irmãs.

Figura 2 – Idosa do grupo na oficina com os sentidos: olfato



Fonte: Da autora

Conceitualmente, memória refere-se à capacidade mental de armazenamento de informações, seja por meio de experimentações ou de conhecimento adquirido ao longo do tempo, trazendo essas informações/sentidos à tona quando necessário. Em *Dicionário básico de filosofia*, Japiassú e Marcondes (2006, p. 183-184) trazem que “a memória pode ser entendida como capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto com uma capacidade de evocar o passado através do presente”.

Segundo Dewey (2010), nós nos lembramos dos fenômenos que formam a nossa existência atual por meio daquelas experiências que foram incorporadas à nossa personalidade. As sensações, juntamente com as lembranças, sensibilizaram o grupo, e os comentários aconteceram espontaneamente, todos carregados de muito sentimento, principalmente a saudade.

O senhor João Ricardo, ao sentir o cheiro da cebolinha, recordou de uma época bem triste de sua vida. Na verdade ele associou o cheiro da cebolinha ao cheiro do alho, talvez por ser um tempero. O cheiro do alho o fez lembrar-se de um tempo, na sua

infância, que vivia pelas ruas com sua mãe, a qual, concluiu ele agora na maturidade, tinha problemas mentais. Nas suas andanças costumavam se abrigar em vários lugares, algumas vezes em galpões e ranchos que as pessoas cediam para eles passarem a noite. Um desses lugares em que dormiram por várias vezes era um rancho que já havia sido um galinheiro e onde eram guardadas réstias de alho. O cheiro do alho o marcou, e esse cheiro o faz lembrar-se de sua mãe. Apesar de juntos passarem momentos de sofrimento, as lembranças e a saudade da convivência com ela estão latentes. Mesmo tendo sido curto esse período de convivência, pois sua mãe faleceu quando ele tinha apenas sete anos de idade, ao relembrar tudo isso seu rosto se transformou, seu olhar brilhou. Ainda que fossem lembranças de momentos de grandes dificuldades, o senhor João Ricardo os narra enfatizando sempre o lado bom dos fatos, no caso, a companhia de sua mãe, dando-nos a impressão de que a segurança que sentia ao seu lado superava qualquer sensação de medo e fragilidade, deixando marcada na memória a forte relação de carinho e atenção que os unia.

O segundo momento da oficina com os idosos, ainda de olhos vendados por uma faixa de tecido preto, se propôs a ativar memórias com experiências gustativas, por meio de frutas, algumas doces, outras azedas. Foram oferecidas aos idosos frutas cortadas em pedaços para que provassem. Ao degustarem, alguns idosos associaram o cheiro ao sabor, reconhecendo primeiro o cheiro da fruta que iriam provar.

Figura 3 – Idosos do grupo na oficina com os sentidos:
paladar



Fonte: Da autora

As frutas eram dispostas em uma bandeja e oferecidas aos idosos pelo mediador da oficina. A primeira fruta a ser oferecida foi uva, depois morango, banana, melancia, melão, maçã e laranja, até que todos do grupo provassem todas as frutas das bandejas. Essas frutas, em sua maioria, não faziam parte da infância e até mesmo da vida adulta dos idosos. A intenção era que, ao sentir o gosto das frutas apresentadas, fossem feitas relações de sabores com as frutas que comiam na infância ou em qualquer fase da vida. Que esses sabores trouxessem lembranças, de modo a possibilitar o relato de acontecimentos que de alguma maneira marcaram suas vidas.

A descontração e as brincadeiras estavam sempre presentes durante as atividades. Ao provar uva, a senhora Tina comentou: *“Quero mais!”*; surgiram risos no grupo. A dona Eracema complementou: *“Quero provar de novo, não deu para sentir o gosto!”*.

As frutas mais comuns para eles e que conheciam bem seus sabores e odores eram laranja, tangerina e banana, pois eram mais frequentes em sua infância. Ao sentir o gostinho azedo do morango, o senhor Nelso se lembrou de um acontecimento recente em que caiu de um pé de tangerina: *“Fui ao sítio de um colega no Itapocu e subi na árvore para pegar umas tangerinas, escorreguei e fiquei pendurado de cabeça para baixo. Me ralei todo, minha perna ficou presa no galho. Foi difícil pra sair dali. Levei um susto, mas depois ri muito”*.

A expressão de dúvida ao provar o morango, por exemplo, foi comum em vários idosos; alguns se viraram para o colega do lado e perguntaram baixinho se sabia que fruta era aquela. Já quando reconheciam a fruta pelo seu cheiro ou sabor, davam um risinho de satisfação. Algumas histórias surgiram a partir desses sentidos, como o paladar. Depois de provar banana, o senhor Pedro se lembrou de um antigo integrante do grupo que se mudou para o estado do Paraná e que contava uma história de uma bananeira que deu dois cachos em uma só haste. Isso foi motivo de uma divertida discussão. Uns riam dizendo não ser possível acontecer tal fato e que se tratava de história; outros, como o senhor Nelso, confirmaram veementemente a veracidade do fato, uma vez que no passado, no sítio onde passou sua juventude, viu isso acontecer. E assim, por entre risos e desconfianças, a conversa se desenrolou, dividindo opiniões e deixando a dúvida. Será verdade ou invenção?

O despertar dos sentidos, olfato e paladar, se mostrou como um elo que liga fatos e fez emergir memórias de um tempo, por vezes longínquo e até mesmo recente. O

momento foi muito prazeroso e divertido e desencadeou conversas paralelas, sempre de maneira descontraída.

Agora já não havia mais preocupação em estar com os olhos vendados; os idosos se mostravam mais seguros e o elemento surpresa não assustava mais.

O momento da experiência no grupo traz histórias particulares de um universo comum que afetam os outros do grupo, mas “ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria” (LARROSA, 2002, p. 27).

Num terceiro momento da oficina o grupo teve contato com a caixa colorida que tanto despertou curiosidade. O que será que há lá dentro?

A caixa foi mostrada e, ao movimentá-la, sons saíam de seu interior. Objetos estavam lá. Mas o que seriam? A proposta foi feita mediante uma indagação. *Imagem o que possa haver dentro da caixa. Pensem e desenhem o que vocês imaginam que está aqui dentro.* Cada idoso recebeu uma folha de papel preto e um giz branco em que registraram, de acordo com a sua imaginação, o que havia dentro da caixa. Como nos diz Vygotsky (2009, p. 43):

A atividade da imaginação criadora é muito complexa e depende de uma série de diferentes fatores. Por isso, é completamente compreensível que essa atividade não possa ser igual na criança e no adulto, uma vez que todos esses fatores adquirem formas distintas em diversas épocas da infância.

Como estamos falando de idosos, temos de levar em consideração diversos e diferentes fatores que compõem a existência dessa pessoa, suas experiências na infância, sua relação com objetos e suas representações mentais, que foram se forjando ao longo do tempo e em lugares distintos. “Vimos que a imaginação depende da experiência e a experiência da criança forma-se e cresce gradativamente, diferenciando-se por sua originalidade em comparação à do adulto” (VYGOTSKY, 2009, p. 43). Assim, o adulto, por ter mais experiência, tem uma imaginação com mais referências, tornando seu repertório maior e com mais possibilidades de criação.

O grupo se agitou nesse momento. Como imaginar o que havia dentro da caixa? Precisaríamos imaginar e desenhar baseando-se somente nos sons produzidos ao balançar a caixa. Isso se mostrou como um desafio. Será que vamos acertar? Foram dadas dicas de alguns objetos, sendo alguns do cotidiano e que todos ali conheciam.

Os idosos, com suas experiências acumuladas, devaneavam em palpites. Até então não faziam ideia se o que imaginaram era real e se os objetos contidos na caixa foram descobertos e desenhados por eles. Cada um imaginava o objeto que tinha relação com o seu meio. Nas palavras de Vygotsky (2009, p. 43), “a relação com o meio, que, por sua complexidade ou simplicidade, por suas tradições ou influências, pode estimular e orientar o processo de criação”.

Assim, a criação dos desenhos teve uma íntima relação com a vida de cada um dos idosos do grupo, sendo na infância ou na vida adulta. Ao realizarem os desenhos, ficava visível que o contato com representações significativas de suas vidas estava presente e que as lembranças se concretizavam no papel. Com muitos olhares e risos, os idosos comentavam uns com os outros sobre o que o colega estava desenhando, trocavam ideias e se admiravam com as possibilidades que surgiam com as conversas e trocas.

Figura 4 – Idoso do grupo durante a oficina: desenho com giz



Fonte: Da autora

Figura 5 – Idosa do grupo durante a oficina: desenho com giz



Fonte: Da autora

Em alguns momentos um grande silêncio se instalava, parecia que iam buscar algo em uma viagem no seu interior embalado pelos sons musicais que inundavam o ambiente. Nas palavras de Rubem Alves (2005, p. 33), “o mundo está cheio de música. Há sons que não existem mais, que estão perdidos na memória”. Memória que a cada momento surgia em palavras, gestos e atitudes.

Depois de feitos os desenhos, os participantes comentaram suas criações. Um por um foi mostrando seu desenho e dizendo o que tinha feito. Muitas foram as ideias de possíveis objetos contidos na caixa.

No momento seguinte três voluntários colocaram a mão pela abertura da caixa para escolher um objeto e com o tato tentar descobrir qual seria esse objeto. A primeira voluntária foi a senhora Eracema. Ao colocar a mão, mostrava-se desconfiada, franzia a sobrancelha e remexia a mão no interior da caixa. Até que disse: “*Tem tanta coisa esquisita aqui dentro. Vou tentar achar alguma coisa familiar aí dentro. Tem muito brinquedo, tem um giz, giz de cera, acertei?*”. E ao se confirmar que realmente havia um giz de cera na caixa, a senhora Eracema comemorou sacudindo o braço e dizendo “*Eu acertei!*”.

A segunda voluntária, a senhora Ernestina, colocou a mão na caixa, tateou bastante e com um olhar concentrado disse: “*Tem um carrinho*”. A terceira voluntária,

senhora Judite, ao colocar a mão na caixa pegou uma tampinha e com total segurança e precisão comentou: “*É uma tampinha de garrafa de iogurte*”. Nesse instante o grupo reagiu com risos e comentários de como ela era esperta. Mais dois voluntários identificaram pelo tato uma tesoura e uma bolinha de gude.

Figura 6 – Idoso do grupo durante a oficina com os sentidos: tato



Fonte: Da autora

Concluindo a experiência, chegou o momento de tirar os objetos da caixa e conferir com os desenhos feitos para saber se alguém desenhara algo que realmente estava na caixa. Os idosos colocaram seus nomes na folha onde desenharam, uns colocaram na parte da frente e outros na parte de trás. Nesse momento o senhor João perguntou “*O nome do artista?*”, e outros responderam “*Sim, o nome do artista!*”. Estavam gostando da experiência de desenhar e ser autor de uma “obra de arte”. Como afirma Dewey (2010, p. 152), o ato de expressão surge a partir de algo que já está dentro do artista. Esse ato se inicia com as experiências que o artista tinha guardado em sua memória e que vem à tona por meio das experiências que ele presencia. A experiência com os sentidos e com o registro no papel em forma de desenhos proporcionou a sensação de se sentir artista.

Conforme eram mostrados os objetos, surgiam comentários: “*Ah, o bicho peludo era o algodão!*”; “*Tinha coisas difíceis!*”. Alguns idosos desenharam e acertaram objetos, como bola, giz de cera, boneca e espelho. Mas a maioria dos desenhos tinha referências da infância de cada um, segundo as narrativas dos idosos.

Em sua maioria, as narrativas remetiam à infância, como animais e utensílios domésticos ou de trabalho. A expressão dos idosos, ao descobrirem o que havia na caixa e se haviam acertado o que lá estava, era de surpresa, contentamento e alegria. Mostraram toda essa satisfação em seus rostos, olhares e sorrisos.

Figura 7 – Idosos do grupo durante a oficina com os sentidos: descobrindo o que havia na caixa



Fonte: Da autora

O senhor Agostinho, ao observar a vidraça da janela que estava gotejada com pingos da chuva fina que caía, relatou que um dia assim o faz lembrar-se de como é bom, em um dia de chuva, comer pinhão. “*Um dia chovendo assim como o de hoje, abria um borralho e punha um monte de pinhão ali, cobria de brasa e depois ó!*”. Estalando os dedos demonstrava a delícia que era comer pinhão quentinho em dia de chuva.

Esse relato do senhor Agostinho também me despertou memórias de quando estava na Escola Normal e participava do coral. A imagem da chuva na janela que chamou sua atenção me levou para um dos ensaios do coral onde cantávamos a música do filme *Mágico de Oz*: “[...] quando a chuva tamborila na vidraça da janela [...]”. Lembranças de uns que desencadeiam lembranças em outros.

O senhor Agostinho também relatou que em dias de chuva não se ia trabalhar na roça. Ele e seu irmão colhiam pinhão que debulhavam antes da época, precisamente no dia 25 de março, conhecido como temporão. “*Então lá, um mano meu marcou esses*

pinheiros, 25 de março ele ia lá e colhia o pinhão e aí depois em abril e maio vinha a temporada do pinhão, né!". O senhor João Ricardo complementa: *"A gralha é que planta o pinheiro, né?"*. E respondeu o senhor Agostinho: *"É, a gralha-azul é a plantadeira de pinheiro, diziam lá que ela pegava o pinhão, enterrava para comer depois e esquecia, aí brotava o pinheiro"*.

Enquanto as histórias iam surgindo, os outros idosos do grupo ficavam atentos e se mostravam interessados, compartilhando algumas delas, tecendo comentários entre risos.

Figura 8 – Idosos do grupo durante a oficina com os sentidos: compartilhando memórias



Fonte: Da autora

No final desse dia de oficina com muitas lembranças, recordações, histórias e compartilhamento, fizemos uma roda onde os idosos dançaram formando pares em uma dança antiga. Com essa dança puderam se deslocar pelo espaço, interagindo uns com os outros e despertando outros sentidos, como a audição.

O caminho de cada um – contando e recontando histórias

A segunda oficina, que aconteceu com um intervalo de uma semana da primeira, teve como proposta despertar memórias a partir de músicas da infância, como cantigas de roda, e também músicas de outras fases da vida.

Primeiramente eles ouviram as músicas e depois escolheram uma palavra que fizesse menção às memórias que surgiram ao ouvi-las. Ao ouvir as duas primeiras cantigas (*Samba Lelê* e *Escravos de Jó*), a reação de alguns foi de certo desconhecimento. A expressão era de surpresa, olhavam-se tentando descobrir que cantiga era aquela. Ficavam tentando buscar em algum lugar referências para aquelas cantigas. Então veio a terceira, *Asa branca*. A comoção foi geral, entre vivas e aplausos foi reconhecida a canção, que poderia despertar memórias, já que a reação foi tão contagiante. Percebeu-se que essa canção marcou vários momentos na vida de alguns idosos. A senhora Nena logo reconheceu dizendo “*É Asa branca!*”. A senhora Argentina batia no peito e clamava “*Calma, coração!*”. Ela levou uma das mãos na direção do rosto e a outra em volta da cintura como se fosse dançar e, assim, ficou cantarolando com um largo sorriso no rosto. Depois contou que se lembrou de um namoradinho, que na mesma época em que a música fazia sucesso foi pedir para namorá-la, mas seu pai não deixou porque ela era muito menina e não podia namorar.

Mais uma cantiga de roda foi tocada na flauta doce, *Marcha soldado*. Logo nos primeiros acordes a senhora Nena já reconheceu e começou a cantar: “*Marcha soldado, cabeça de papel, se não marchar direito vai direto pro quartel*”. Logo após começamos a conversar sobre o que eles lembraram ao ouvir tais canções. A senhora Eracema foi a primeira a se manifestar: “*Eu me lembrei das rodas que a gente fazia, brincando da época de quando a gente era criança*”; a senhora Judite acrescentou: “*Eu me lembrei logo do tempo de colégio, a hora do recreio, as brincadeiras*”. A senhora Catarina também recordou e nos contou: “*Eu lembrei que nós ligávamos o rádio na cozinha e íamos varrer o pátio, como falávamos no sítio, daí de vez em quando a gente dava uma dançadinha com a vassoura*”. Nessa hora muitos risos, pois muitos se reconheceram nessa lembrança, provocando memórias em vários idosos do grupo. A partir da memória individual, da senhora Catarina, diversos idosos também atingiram suas memórias, lembrando-se de fatos comuns a alguns em determinada fase da vida.

Várias lembranças surgiram com esta atividade, as músicas os remeteram a outro tempo e lugar. O senhor Antônio, de maneira emocionada, relatou para o grupo um tempo difícil pelo qual passou: “*Eu ainda tenho muita recordação do sítio. No ano daquela música, Asa branca, recordou-me o ano de 1977 lá no sudoeste do Paraná, deu quase seis meses de sol sem chuva, então a gente via as plantas morrendo, igual à música Asa branca, daí fui recordando daquela época. E recordo também muito do tempo de antigamente quando a gente ia para escola, brincava e cantava*”.

O senhor Agostinho, com uma fala saudosa, dizia: *“Quando a gente era jovem, a gente ia pra roça cantando, hoje parece que não tem mais alegria, estão tipo aborrecido, né. Naquele tempo a gente tinha uma alegria imensa. Tinha uns caras lá que tocava um violão e se reunia de noite para fazer serenata. Aquela época era boa, não volta mais”*. O saudosismo estava sempre presente nas falas e, por vezes, apresentava até certo romantismo. A maioria dos idosos se referia aos fatos passados com carinho e nostalgia. A senhora Alzira falou demonstrando esse sentimento: *“Lembrei-me da infância com as músicas de roda. Era gostoso aquele tempo, hoje não existe mais isso. As crianças não brincam mais de roda”*. As conversas, os relatos e comentários seguiam, na maioria das vezes por esse caminho, saudades, lembranças boas, momentos agradáveis e felizes. Até que o senhor João Rodrigues falou: *“Não me lembrei de nada bom. Quando trabalhava na roça, não tinha tempo nem de assobiar. Só trabalhava, que tristeza, né?”*. Esse comentário repercutiu entre os idosos do grupo, que de certa forma, consolando o senhor João, ficaram, talvez para estimulá-lo, perguntando sobre a sua juventude. Até que ele contou: *“Ah, lembrei-me do tempo que tinha 18 anos, que é a idade que era novo, solteiro e ia pro baile, coisa boa!”*.

Esses momentos de troca evidenciam como a experiência e as marcas deixadas por ela é realmente de cada um, e como a distância dos fatos no intervalo do tempo amansa e acalma as sensações vividas. Para uns, boas lembranças, para outros nem tão boas. Lembranças de situações muito semelhantes vividas por muitos idosos do grupo, mas que ficaram na memória de cada um de maneira muito singular e particular.

Depois de terem aberto seus baús das recordações e se remetido àquelas lembranças, foram buscar palavras que representassem de alguma maneira as situações revividas e relatas ao grupo. Cada um buscou e trouxe algumas palavras, como família, Natal, baile, pinheiro, presente, juventude, fartura, música, rádio, mãe, sítio.

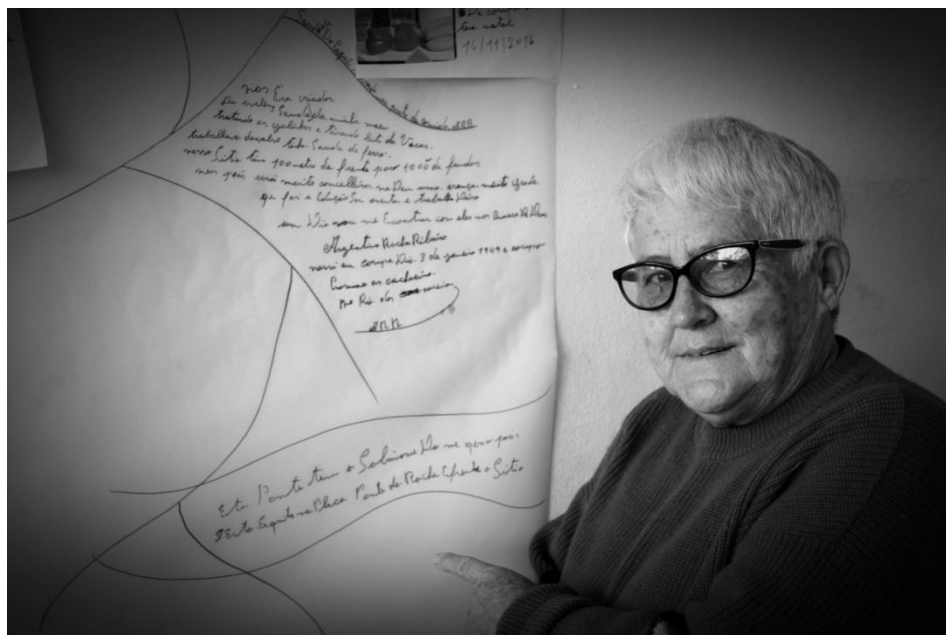
Cada palavra foi escrita em uma tira de papel e entregue ao respectivo idoso. A escolha das palavras facilitou a síntese e a organização do pensamento, focando em lembranças pontuais, já que as atividades realizadas até então tinham produzido um turbilhão de sensações e emoções, deixando os “baús” bem remexidos.

Algumas das palavras escolhidas, por vezes, estavam relacionadas às músicas que estavam ouvindo no momento, já que toda a atividade foi permeada por canções. Nesse momento da oficina as palavras tiveram um papel primordial para nortear toda a atividade que se seguiria. Larrosa (2002, p. 21) nos mostra a importância das palavras:

As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece.

Realizou-se uma colagem com recortes de imagens de revista que pudessem ser relacionadas às palavras escolhidas. Feita a colagem, entre muita conversa e descontração os idosos foram convidados a se dirigirem aos painéis fixados nas paredes da sala para registrar suas lembranças e memórias em um mapa cartográfico, juntamente com a palavra escolhida por ele. Ainda ao som de músicas, agora do cancionário popular interpretado por cantores como Teixeira, Tônico e Tinoco, Milionário e José Rico, Tião Carreiro e Pardino, entre outros, os idosos iam se dirigindo ao painel onde fixavam a sua palavra e sua colagem, e a seu modo, com a escrita ou com desenhos, registravam suas lembranças. Mesmo os idosos que não sabiam escrever participaram realizando seus registros com o auxílio de outro que os ajudava. Esse foi um momento de grandes emoções; as lembranças se concretizavam e ganhavam força com suas representações. As histórias iam surgindo e tomando conta do ambiente. Entre músicas e conversas, em alguns momentos apareciam olhos com lágrimas que se misturavam a sorrisos visivelmente emocionados. Um relato que representa muito bem o momento é o da senhora Argentina, que não se conteve ao lembrar-se de sua infância na cidade de Corupá, sobre a qual falou com grande carinho. As lágrimas rolaram pelo seu rosto no instante em que falou de seus pais. *“Lembro-me da fartura que tinha no sítio. Nós éramos criadores de ovelha, galinha e vaca leiteira, o sítio era bem grande. Meus pais eram muito conselheiros. Me deixou uma herança muito grande, que foi a educação e ser honesta e trabalhadeira”*.

Figura 9 – Dona Argentina durante a segunda oficina: contando e recontando histórias



Fonte: Da autora

Figura 10 – Dona Maria Darci durante a segunda oficina: contando e recontando histórias



Fonte: Da autora

O senhor Antônio escolheu a palavra *escola* e se recordou de quando lia e cantava o Hino Nacional no Distrito de Bocaina do Sul, em Lages, onde passou sua infância e frequentou a escola até a quarta série: “*Nós jogávamos futebol, pulávamos*

corda, corríamos, correria a pé para ver quem chegava primeiro. Era muito bom! Trago na memória as tarefas, História do Brasil, Matemática e muita saudade dos colegas e professores”. A senhora Rosilda se lembrou do primeiro rádio no sítio e que ouvir as músicas que viam dele era uma diversão: “Eu me lembrei do primeiro rádio que meu pai comprou, eu tinha uns 9 anos. Quanta alegria quando saía a música e também como eu gostava de cantar, pois eu trabalhava cantando, na roça, em casa eu estava sempre cantando e ainda gosto muito de música”.

O momento das oficinas foi bastante frutífero, rendendo muitas histórias e levando os idosos a fazer uma viagem no tempo. Não foi somente um experimento, mas sim uma experiência, como diferencia Larrosa (2002, p. 28):

Se o experimento é genérico, a experiência é singular. Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade. Por isso, no compartilhar a experiência, trata-se mais de uma heterologia do que de uma homologia, ou melhor, trata-se mais de uma dialogia que funciona heterologicamente do que uma dialogia que funciona homologicamente. Se o experimento é repetível, a experiência é irrepetível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pre-ver” nem “pré-dizer”.

A experiência é contínua e se desenvolve a partir de outras experiências que levam a outras experiências. Portanto, as oficinas fizeram com que, mesmo acordados, os idosos pudessem sonhar, ter novas experiências, deixando transparecer em seus semblantes toda a emoção que estavam sentindo e que sem preocupação transbordava expressando toda alegria, tristeza e saudade em suas falas e criações. Como disse antes, nada e ninguém pode voltar no tempo, mas com o despertar dos sentidos, com a sonoridade, com o paladar e com os aromas o grupo pôde não voltar no tempo, mas visitá-lo por meio de suas lembranças e recordações que estavam guardadas em seus baús de memórias.

Lembranças da escola, do trabalho e da arte

As oficinas oportunizaram memórias e histórias de vida. Muitas histórias e momentos foram lembrados durante as oficinas, alguns com mais vivacidade e valor para quem os recordava. Assim, “através do processo de compor anais e crônicas, os participantes começam a recordar suas experiências e criar pontos primordiais de uma narrativa pessoal” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 155).

O trabalho no campo, o cuidado com a terra e com os animais estiveram presentes na vida da maioria dos idosos e tiveram um papel de grande importância na história de cada um deles, existindo uma relação entre a atividade laboral e a memória. A experiência de lembrar e de contar suas histórias de vida trouxe sempre relatos que em algum momento se referiam às atividades na roça, ao trabalho.

Para alguns não foi nenhum sacrifício acessar essas lembranças incorporadas na sensibilidade e, ao recordar, agregaram uma carga de significação e de valor ao fato e ao tempo vivido. A relação com o trabalho permeou todas as atividades, já que todos precisaram trabalhar desde crianças, com obrigações e tarefas, como cuidar dos irmãos ou da casa, com pequenas funções dependendo da capacidade física e do tamanho. Eles viam essa relação com o trabalho como natural, assim como com a privação de ir à escola e ter contato com as atividades artísticas. Porém em nenhum momento houve palavras que representassem algum traço de revolta, e encontravam sempre um aspecto lúdico. Como observa Celestin Freinet (1974), trabalho e jogo representam, no fundo, o exercício da mesma atividade exploratória do ser humano.

Algumas histórias relatadas pelos idosos durante as oficinas foram de grande relevância e acabaram respondendo à questão inicial da presente pesquisa/dissertação: Quais memórias e sentidos são mobilizados por meio de experiências estéticas em práticas educativas com a terceira idade?

As experiências estéticas por que passaram os levaram para outro tempo e lugar, trazendo-os de volta alterados por essa experiência, e as experiências estéticas podem ser ressignificadas a partir do seu cotidiano.

Dona Rosilda nos contou uma dessas histórias. Ela, que sempre viveu na roça e frequentou a escola apenas por dois anos, lembra-se do prazer que tinha ao desenhar e pintar. Na verdade não pintava tanto, porque segundo seus relatos, naquele tempo, nem

lápiz de cor existia. Quando tinha um tempo entre uma obrigação e os afazeres domésticos, gostava de desenhar casas, flores, bonecos. Por ser a mais velha de uma família de sete irmãos e responsável pelos cuidados deles depois do falecimento de sua mãe, D. Rosilda, com apenas 12 anos, precisou assumir toda a responsabilidade de cuidar da casa e dos irmãos.

Por esse motivo não pôde mais ir à escola. Por cuidar de tantas crianças, sendo o mais novo com 1 ano de idade, não tinha tempo para brincar com outras crianças nem com os irmãos. *“Quando dava um tempinho a gente brincava de boneca. Fazíamos bonecas de abóbora, aquelas de pescoço e boneca de milho, porque boneca mesmo a gente ganhava uma ou duas para todos poder brincar”*. Nas bonecas de abóbora eram colocadas as roupas dos irmãos menores: *“A gente vestia a abóbora, colocávamos toquinha, enrolávamos paninho, fazíamos vestidinhos amarradinhos, desenhávamos carinha em algumas e em outras cortávamos com uma faquinha o rostinho delas. Era a maior alegria, era a boneca mais linda que tínhamos”*.

No tempo em que sua mãe era viva, D. Rosilda lembra-se das bonecas de pano feitas por ela e de como ficava ao seu lado observando como eram confeccionadas, como a agulha passava pelo tecido dando forma ao corpinho da boneca, que depois de pronta ganharia um bonito nome. Depois do falecimento de sua mãe, acabaram as bonecas.

Com um olhar saudoso, D. Rosilda refere-se às atividades realizadas nas oficinas no grupo de idosos: *“O que faço aqui me traz muitas lembranças”*. Ela, nesse instante, se virou para a argila e relatou as lembranças que o contato com a argila despertou: *“Como me criei na roça brincava muito com barro. Fazia bolinhas, panelinhas e bonecos”*. Sua relação com o papel também trouxe encantamento. O papel chegava a suas mãos por meio dos embrulhos das compras feitas pelo seu pai. Quando ele chegava e os desmanchava, logo corria para pegar o papel, passava as mãos para tirar as marcas das dobras e o guardava com cuidado para escrever e desenhar no pouco tempo que restava entre uma tarefa e outra. *“O contato com os papéis, argila, lápis de cor me faz muito feliz. Eu sempre me interessei muito em aprender, depois de casada fui pra aula, num programa do governo para alfabetização de jovens e adultos, fiquei dois anos”*.

Mesmo quando as lembranças que surgem são tristes, de um tempo sofrido, D. Rosilda logo se anima: *“A arte parece que mexe com o cérebro da gente, quando chego*

em casa estou mais disposta, parece que fico mais criativa, a gente se sente mais novo, parece criança, é muito bom”.

As recordações eram tão marcantes, presentes, que D. Rosilda parecia repetir os gestos como se estivesse acompanhando o movimento da agulha na mão de sua mãe. A memória dessa atividade acabou virando memória de família, de relações de carinho, de afetividade e de prazer de criação.

A história do senhor João Ricardo marcou bastante pelas lembranças que foram trazidas à tona com a realização das oficinas. Os relatos feitos por ele foram emocionantes, já que teve uma história de vida com muitas dificuldades. Quando criança, o senhor João Ricardo passou um período de somente um ano na escola junto com seu irmão, que era mais velho que ele seis anos. Os dois viveram por um ano em um internato dirigido por padres italianos na cidade de Criciúma. Era uma escola com poucas atividades: *“Lembro que às 6 horas e 30 minutos havia a missa, todos os dias. Às 13 e 30 era a hora do ensino com o padre, às 3 horas da tarde íamos para a piscina. Essas eram as atividades que fazíamos na escola. E depois dos estudos íamos para o canavial cortar o mato com os padres”*. A única coisa a que o senhor João Ricardo se referiu com satisfação em relação ao tempo em que passou na escola foi de quando fazia “pequinhinhas”, bolinhas de barro, para quando faziam piqueniques em passeio na serra. As bolinhas eram usadas para carregar os estilingues que os meninos levavam para brincar de acertar coisas no mato e para caçar passarinhos. O tempo de escola, para o senhor João Ricardo, foi curto, pois seu irmão teve um desentendimento com os padres que administravam a escola, apanhou e foi expulso do colégio. Como os dois só tinham um ao outro, o senhor João Ricardo também deixou a escola acompanhando o irmão. Esse tempo e as experiências que vivenciou não deixaram boas lembranças, e o senhor João Ricardo demonstra isso com expressões e olhares ao contar os fatos. Depois de sair da escola começou a trabalhar. Aos 11 anos já trabalhava em uma padaria, com várias obrigações. *“Eu era um guri e trabalhava mais de 12 horas, começava às 3 horas da manhã e só terminava o turno às 4 e às vezes 5 da tarde. Hoje não pode mais isso”*. A vida foi assim até os seus 19 anos de idade, quando foi para o serviço militar. No batalhão se destacou como corredor: *“Na corrida eu era o tal. Foi convidado para ser atleta militar e participar de competições representando o exército, mas não aceitou. Hoje senhor João Ricardo se refere ao fato com certo arrependimento: “Uma coisa que talvez eu poderia me dar bem era a corrida, mas não quis quando fui convidado, aí*

fiquei andando, perambulando até hoje desse jeito. A sorte acho que veio, mas eu não soube aproveitar”.

Depois que deixou o serviço militar ficava na casa de parentes, já que havia perdido seus pais. Nessa casa moravam várias pessoas e existia muito barulho, prejudicando o sono do senhor João Ricardo, que nessa fase da vida estava trabalhando como servente: *“Eu não dormia direito e ia trabalhar meio tonto”.*

Falando sobre as atividades realizadas nas oficinas, o senhor João Ricardo relatou que foi o primeiro contato que teve com várias coisas e situações: *“Nada disso que vi aqui nas oficinas eu tinha visto antes, eu não tinha nem ideia de como começar um desenho, só fiz o primeiro ano da escola, depois fui criado assim sem pai nem mãe, só rolando na casa dos outros”.* As oficinas proporcionaram-lhe contatos com lembranças e sentimentos adormecidos e despertaram novas sensações em colocá-lo em contato com materiais e experiências sensoriais únicas. Essas experiências fizeram com que conhecesse novas sensações, como, por exemplo, se sentir como uma criança diante do novo: *“Parece que, quando eu vou começar a atividade, não vai dar certo, às vezes eu tento fazer para agradar a professora, não tenho idéia, porque eu nunca peguei nessas coisas para pintar, desenhar...”.* A vida que o senhor João Ricardo viveu até hoje não possibilitou o seu contato com arte; essa privação provavelmente fragilizou sua criatividade e seu pensamento criador. Segundo Duarte Junior (2002, p. 97), o pensamento criador procura estabelecer novas relações simbólicas. Procura conectar símbolos e experiências que, anteriormente, não apresentavam qualquer relação entre si. As novas experiências oferecidas pelas oficinas criaram esse vínculo e estimularam o pensamento criador do senhor João Ricardo.

A lembrança da escola de padres pela qual passou somente um ano na sua infância foi o que veio mais forte em sua memória; apesar de serem lembranças um tanto sofridas, deixaram saudades de uma época que tinha a companhia do irmão: *“Com as atividades me lembrei da escola de padres e que eu gostaria de visitar. Quando saí de lá tinha 8 anos, lembro que foi no ano que o Pelé jogou na Copa de 1958. Hoje tenho vontade de voltar naquele lugar, já que não pago passagem poderia ir”.*

Durante toda a conversa as suas expressões deixavam transparecer um ar triste e melancólico. As suas lembranças focaram na sua infância, e hoje fala com saudades principalmente do que não fez ou não pôde fazer em virtude das circunstâncias.

O senhor Antônio lembrou que na época em que frequentou a escola havia aulas aos sábados até as 10 da manhã e que esses dias eram reservados para as brincadeiras: *“No sábado eles tiravam para cantar, desenhar, marchar”*. As lembranças de infância são as mais recorrentes, talvez porque a arte traz esse aspecto lúdico de prazer e sensibilidade. Como nos diz Duarte Junior (2004, p. 23), *“é através da arte que o ser humano simboliza mais de perto o seu encontro, primeiro com o mundo”*. E na infância o encontro com a arte e com o mundo mostra-se muito poderoso e pode estimular a criatividade e o ato criador.

A lembrança de infância do senhor Antônio está cercada de brincadeiras e diversão com os vizinhos e primos. A construção de carrinhos de madeira, bodoque e arco e flecha era comum entre os meninos da sua vizinhança. Na cidade onde morava havia muito morros com subidas e descidas, onde costumavam brincar: *“A gente inventava uns carrinhos para correr no morro, pegávamos umas torrinhas de madeira umas rodas montávamos e íamos brincar de corrida. Na saída um empurrava o carrinho, daí depois ele ia por conta e a gente ia guinado”*. Uma lembrança puxando outra, sempre com referências na brincadeira de infância, do lugar onde cresceu, das pessoas com quem conviveu e das atividades que fazia na escola.

Seu Antônio passou sua infância e a maior parte de sua vida no interior em um sítio, assim a construção dos próprios brinquedos era comum. As crianças costumavam usar a criatividade para criar bonecas de palha de milho, de retalhos, panelinhas de barro, carrinhos de madeira. Usavam materiais que achavam disponível na natureza. *“Eu fazia pelota com barro para atirar no passarinho, fazia cangalha para usar nos cavalos. Olha, que ficava boa a minha cangalha! Usava uma serrinha e ia ajeitando a madeira”*. Ao falar desses brinquedos, o senhor Antônio se lembrou de seu pai, que era carpinteiro e o estimulou e o ensinou a trabalhar com madeira. Nesse momento percebeu-se a expressão de satisfação ao falar do seu interesse por construção: *“Quando fizemos desenhos, lembrei da escola e do quanto gostava de desenhar. Sempre que a professora pedia para desenhar o primeiro que me vinha no pensamento era o desenho de uma casa. Logo fazia uma casinha com as janelinhas e a porta”*.

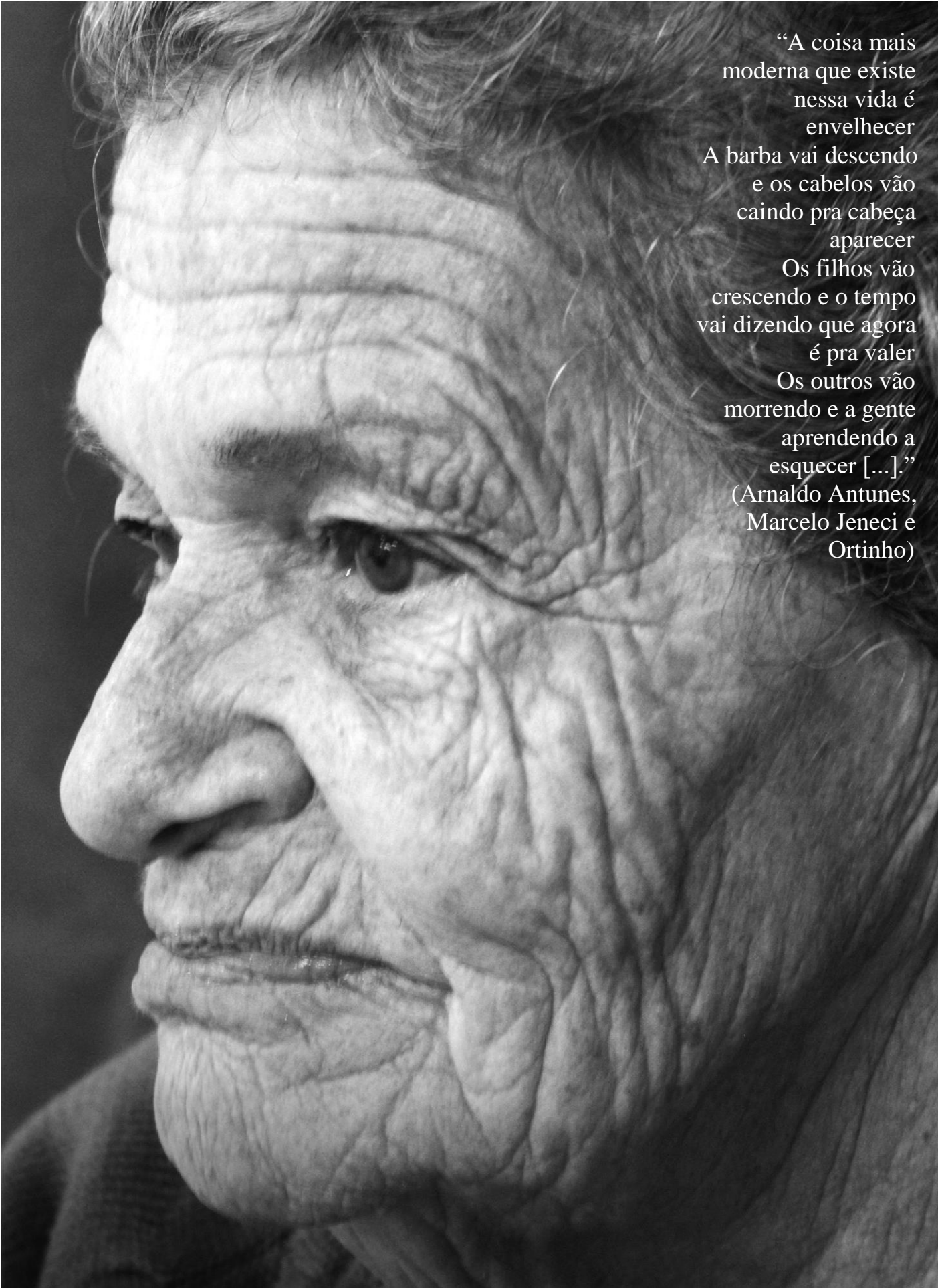
O convívio com o grupo e as conversas durante as oficinas também trouxeram lembranças de pessoas da vizinhança do senhor Antônio: *“As conversas com o grupo, além de me fazer lembrar do meu passado, também me fez lembrar das pessoas mais idosas que conheci. As pessoas com mais idade do grupo, como a D. Emília e o seu*

Agostinho, me fazem ter a sensação de que estou vendo aquelas pessoas que conheci na minha infância”.

Ao se referir às atividades das oficinas, ele relatou: *“Todas as atividades que fizemos foi importante para a recordação. Lembrei-me da escola, dos colegas e brincadeiras de infância, das pessoas com quem convivi. Lembrei-me do meu pai e de quando o ajudava, fazendo o forno para assar pão”.*

As oficinas realizadas nos três encontros com o grupo de idosos do CRAS nos fazem refletir de como a arte está ligada ao sensível, de como as experiências estéticas podem despertar memórias adormecidas no passado desses idosos e de como os sentidos podem nos levar a viagens e encontros com o nosso interior. De acordo com Duarte Junior (2003, p. 47), “através da arte temos como que uma visão os nossos sentimentos, temos formas que nos permitem ver de fora a inefável dimensão do nosso sentir”. Todas as vivências com os sentidos os fizeram ter sensações diversas aguçadas. Aguçar o olhar, o paladar, o olfato, o tato e a audição estimulou lembranças e memórias nesses idosos.

Agora com todas essas memórias avivadas, todos esses sentimentos aflorados e com os sentidos despertados, que marcas foram deixadas pelas experiências estéticas vividas pelo grupo de idosos? Como a ação mediadora e a sensibilidade mobilizaram essas memórias e quais relações que elas podem ter com o cotidiano de cada um deles, que foram recontando suas histórias e refazendo o passado sob uma nova perspectiva. Como nos dizem Clandinin e Connelly (2015, p. 125), “[...] para nós, o recontar e o reviver das histórias é boa na medida em que define o crescimento pessoal e social. Reforçar esse crescimento é um dos propósitos da pesquisa narrativa”. E essas histórias contadas foram vividas por um indivíduo em um determinado momento no tempo, tempo que deixa suas marcas registradas na pele e interfere significativamente em suas lembranças e memórias.



“A coisa mais
moderna que existe
nessa vida é
envelhecer
A barba vai descendo
e os cabelos vão
caindo pra cabeça
aparecer
Os filhos vão
crescendo e o tempo
vai dizendo que agora
é pra valer
Os outros vão
morrendo e a gente
aprendendo a
esquecer [...]”
(Arnaldo Antunes,
Marcelo Jeneci e
Ortinho)

CAMINHO 4.

NA DESPEDIDA: PERCURSOS DE MEMÓRIAS E SENTIDOS

“A coisa mais moderna que existe nessa vida é
envelhecer

A barba vai descendo e os cabelos vão caindo
pra cabeça aparecer

Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo
que agora é pra valer

Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a
esquecer [...]”

(Arnaldo Antunes, Marcelo Jeneci e Ortinho)

Ao terminar esta pesquisa sem chegar ao final, constatamos que marcas foram gravadas na vida e na memória dos idosos participantes. As experiências estéticas e as práticas educativas em artes visuais na terceira idade, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizaram memórias e experiências como forma de construção de sentidos e relações com o cotidiano. Durante todo o processo de encontro com o grupo, que me é muito caro, estive envolvida com as memórias trazida por eles. No momento em que cada um narrava suas lembranças e memórias muitas memórias minhas também emergiam de um lugar que só podemos acessar por meio do sensível. A emoção do momento e as experiências vividas traziam sensações e sentidos para cada um do grupo. Com as experiências estéticas vivenciadas, o grupo pôde exercitar, de certa forma, uma cumplicidade em suas lembranças. Lembranças que foram surgindo e ficando mais claras conforme os relatos iam acontecendo. Esse fato fez com que as experiências estéticas vividas pelo grupo fossem ressignificadas. Os idosos trouxeram para o seu dia a dia novos sentimentos que surgiram ao reviver situações vividas no seu passado. As experiências agora eram vistas sob um novo olhar, um olhar carregado de sentidos, que agora pode ser entendido com o saber da maturidade. Halbwachs (2004), referindo-se à memória individual e coletiva, nos diz que nossas lembranças nos são lembradas pelos outros, mesmo que somente nós estivemos envolvidos com os acontecimentos. Conforme o autor, isso acontece porque na realidade nunca estamos sós. Na verdade tal afirmação ficou bem clara nos encontros e nas oficinas realizadas com o grupo de idosos, em que as lembranças do grupo se confundiam com as

lembranças de cada um dos seus integrantes. Ter contato com a memória dos outros do grupo, juntamente com a experiência estética proporcionada pelas oficinas, funcionou como um canal de aproximação, criando laços e fortalecendo vínculos. Estando no meio de pessoas conhecidas e com certo nível de intimidade, as conversas e memórias fluíram e afloraram, por se sentirem confortáveis e confiantes, por estarem junto de pessoas que por vezes compartilharam de suas memórias.

Para Halbwachs (2004), a memória se dá não como um retorno a um passado intacto, mas como um processo de reconstrução desse passado, feito com base em dados do presente. E o fato de estar em grupo e de esse grupo ter uma relação de afeto fez muita diferença em todo o processo de reencontro com memórias guardadas e caladas em um canto qualquer da alma. Relação esta em que me incluo, já que ouvir tantas memórias e lembranças me fez mais próxima e envolvida com cada uma delas.

Após as histórias contadas pelos idosos, ficou mais forte em mim o conceito de “escutador”, de Ecléa Bosi. O conceito não diz respeito somente ao ato de escutar ou ouvir histórias; trata-se de algo muito mais complexo e abrangente, envolve sentimentos, relações, cumplicidade, respeito. Ouvir todos esses relatos e histórias divertidas, sofridas, de coragem me fez refletir sobre o papel do “escutador”, aquele que escuta atento e de forma delicada o que está sendo dito. A negociação de afeto é importante nesse encontro, pois escutar memórias é um encontro entre seres humanos únicos, com suas histórias e fragilidades. Quem escuta, sendo sensível, se emociona, se envolve, se humaniza diante daquele que narra, desnudo de preconceitos e sedento de uma atenção expressa em olhares e gestos de satisfação em estar sendo ouvido e de despertar interesse em sua história de vida.

Bosi (1994, p. 91), ao discorrer sobre o narrador, afirma: “seu talento de narrar lhe vem da experiência, sua lição ele extraiu da própria dor, sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo. Uma atmosfera sagrada circunda o narrador”. E quando se fala em pessoas idosas, esse fato se torna mais pulsante e intenso. As vozes das histórias se encontram no grupo, cada um com sua intenção de evidenciar suas dores, melancolias, medo, mas também realizações, felicidades, coragem e esperança. E nesse momento o “escutador” está ao seu lado, presente e inteiro, entregue à escuta. O escutador colhe histórias, memórias e segredos, respeitando a privacidade de quem narra. Escutar memórias é colher e acolher narrativas, é buscar, junto com quem conta aquelas

histórias que, por estarem maduras, podem ser colhidas e compartilhadas, mesmo quando acompanhadas do silêncio.

Todas as experiências estéticas que o grupo vivenciou foram importantes para esta pesquisa/dissertação. Cada expressão e reação tiveram sua relevância nos diálogos, mesmo quando silêncios e hesitações preenchiam a narrativa. Assim, quem escuta deve respeitar tais momentos e não deve tentar preencher essas pausas; deve deixar fluir as emoções e valorizar a narrativa, já que são histórias pessoais carregadas de sentidos. Como elucida Ecléa Bosi (2003 p. 64-65):

Nos idosos, as hesitações, as rupturas do discurso não são vazios, podem ser trabalhos de memória. Há situações difíceis de serem contadas [...] a fala emotiva e fragmentada é portadora de significações que nos aproximam da verdade. Aprendemos a amar esse discurso tateando suas pausas, suas franjas com fios perdidos quase irreparáveis.

Mesmo não sendo neutro nem imparcial, o escutador envolve-se com as histórias narradas. O afeto é parte dessa relação com a escuta. Emocionar-se com as histórias contadas evidencia o valor daquela narrativa e que aquela história não é só mais uma. Quem escuta vive juntamente com quem conta suas memórias.

A memória é algo vivo que se move e evolui constantemente. Está ligada a lembranças, ao esquecimento e também ao silêncio. As histórias de vida narradas mostram apenas um pedaço de um todo, e vários outros acontecimentos e momentos ainda estão calados no silêncio. No silêncio do esquecimento que a qualquer momento, despertado por novas experiências, pode emergir e se tornar vivo com novos significados aplicados ao presente e ao cotidiano. As experiências estéticas nesta pesquisa/dissertação funcionaram como esse gatilho. Elas dispararam um olhar no passado, buscando memórias e lembranças que trouxessem de alguma forma emoções escondidas, reconstrução de histórias que mantêm um elo com o presente vivido. Essas histórias parecem que estavam esperando o momento para serem despertadas, e ao despertá-las iniciamos um processo de escavação da memória.

Nossas experiências habitam nossas memórias e, quando narramos, temos o desejo de transmitir as experiências, socializá-las com as pessoas. Essa narrativa faz com que as palavras voem de um para o outro, traçando um caminho. A ação de narrar ou de contar histórias atua como uma ponte que liga os indivíduos às suas memórias. E enquanto contavam uma narrativa, os idosos provaram a alegria de compartilhar sua

própria história, a história da sua vida que está ligada a uma história maior, situada em outro tempo. E quando encontram uma escuta sensível, um “escutador” interessado, as lembranças ganham sentidos e eles ficam gratos pela vida vivida e pela oportunidade de contar sua história. Os caminhos criados, as pontes firmadas que os levaram até suas memórias, de certa forma organizada, vão abrindo um mapa afetivo, um mapa que por algum motivo poderia estar dobrado e guardado em seus baús das lembranças; ao abri-los, libertaram e rememoraram experiências que lhes são caras. A memória parece estar dividida por acontecimentos que marcaram, em fatos com significação para a vida. E o tempo? Este parece parado a nos olhar passar.

Recordações do percurso da pesquisa

Já que falei em tempo, volto seguindo um fio que formou caminhos ao longo da pesquisa, caminhos que se entrelaçaram, se encontraram em algumas interseções e também se afastaram. Caminho que se iniciou ao se perceber o quanto a experiência estética pode proporcionar visitas no tempo, que mesmo lá, parado a nos observar, age com força sobre nossas vidas. Vida que, ao ter contato com uma fotografia, um vídeo de maré subindo e ocupando o espaço antes seco e seguro, expõe a toda a fragilidade de nossas emoções. Essa situação nos mostra a força da imagem, como uma fotografia pode mediar relações de tempo, como pode ser aliada da memória, disparando o gatilho das lembranças, como a experiência estética possibilita esse contato com o sensível, com a narrativa de histórias de vida, com a descoberta de novos sentidos para velhas lembranças.

A fotografia pode ser testemunha do passado, de um tempo vivido, tempo registrado em imagem que vai virar memória. As oficinas produziram muitos registros de momentos que agora fazem parte do passado e que ficaram marcados no tempo e na memória dos idosos. Registros que, ao serem visitados, terão novos sentidos, dependendo do tempo em que foram rememorados, dependendo da janela que abrirá para o passado. Ao olhar as fotografias revisitamos histórias que estão adormecidas ali à espera do momento de serem despertadas.

As memórias produzidas por esta pesquisa/dissertação agora vão tomar lugar na vida dos participantes, narradores e “escutador”.

Como já disse, a memória é dinâmica, viva e a todo instante estamos expostos a novas experiências que resultaram em novas memórias. E as memórias, no decorrer do tempo, serão guardadas no baú das lembranças tecendo caminhos, formando pontes, ligando vidas e entrelaçando histórias, como um ciclo constante e ativo, como o desenrolar de um fio. Recorro mais uma vez a Bosi (1994, p. 413): “para localizar uma lembrança é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado”. As diversas meadas de fios que formam nossas lembranças nos constituem nos tornam únicos, nos dão materialidades. Assim, a convivência com a lembrança não é só um reviver, mas sim um refazer. Refazer a experiência primeira, aliando situações do passado com o presente, ressignificando-a no cotidiano e dando-lhe novos sentidos. Como discorre Bosi (1994, p. 419):

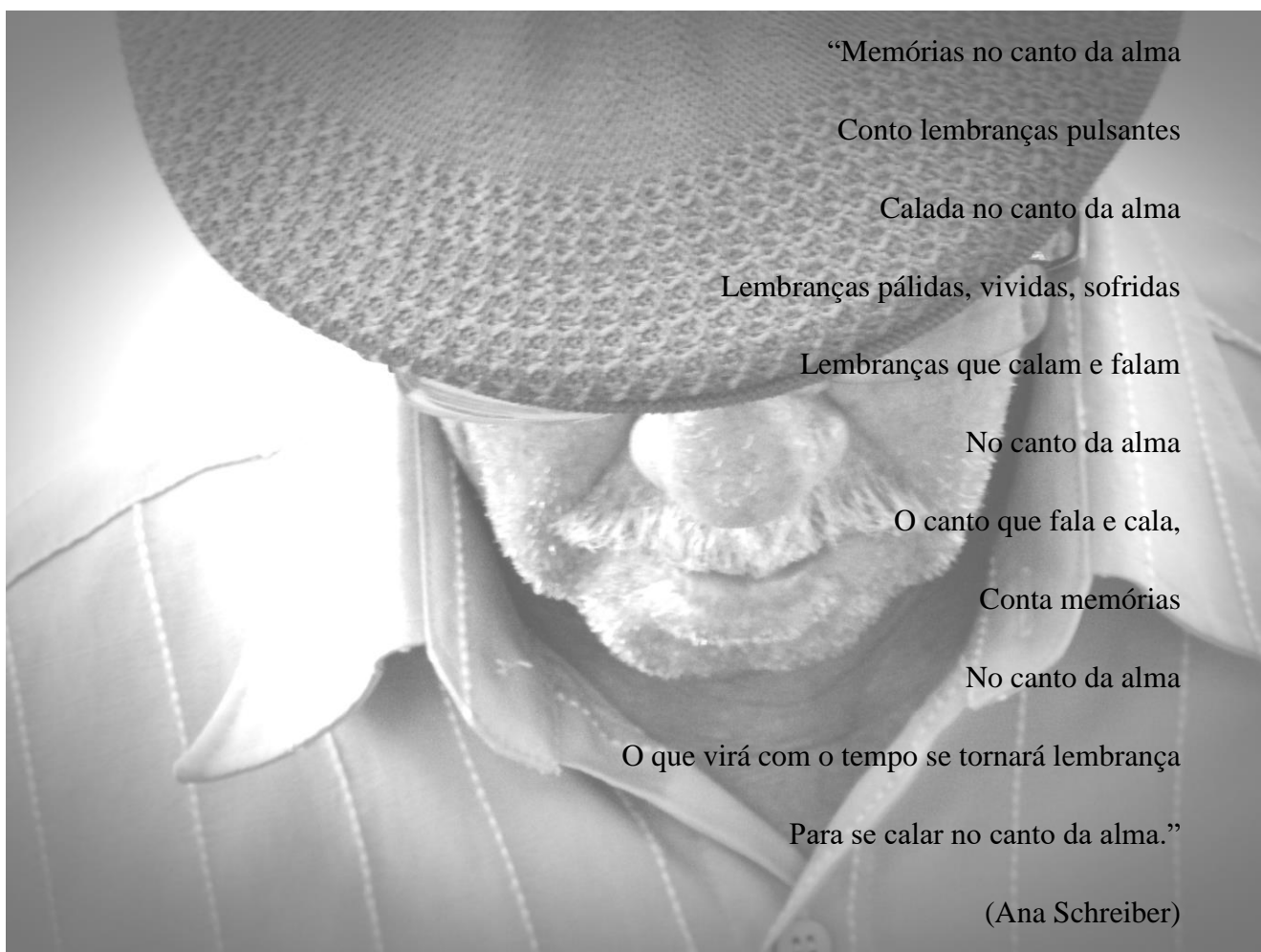
Conhecemos a tendência da mente em remodelar toda experiência em categorias nítidas, cheia de sentido e úteis para o presente. Mal termina a percepção, as lembranças já começam a modificá-la: experiências, hábitos, afetos, convenções vão trabalhar a matéria da memória. Um desejo de explicação atua sobre o presente e sobre o passado, integrando suas experiências nos esquemas pelos quais norteia sua vida.

As experiências que norteiam a vida conduzem o desenrolar do fio da memória, buscam nas lembranças orientação para o presente, seguindo o fio conectado ao passado e mediado pelo tempo.

Os idosos, narradores de histórias de vida e estimulados pela experiência estética e pela prática pedagógica, puderam se conectar uns com os outros, com o passado, com as lembranças, criaram vínculos e cumplicidades. Oportunizaram ao “escutador” viver a experiência de ouvir e registrar memórias, formando um laço de infinito compartilhamento.

As conversas e os acontecimentos durante as oficinas permitiram abrir janelas, deixando a luz entrar e iluminando memórias e lembranças guardadas em gavetas e baús em algum lugar do passado; elas foram ficando cada vez mais claras e presentes, transbordando em falas emocionadas. A manipulação dos objetos, dos materiais, os desenhos, os sons, as músicas, os sabores e odores formaram um túnel com uma ligação direta com fatos importantes e marcantes na vida de todos os idosos do grupo. A satisfação e animada participação deixaram claro o quanto foi significativa as

experiências vividas ali, naqueles três encontros, com aquelas pessoas naquele lugar, o qual representa uma relação de afeto e atenção importante para eles.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, V. L. V. Modernidade e velhice. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, ano XXIV, n. 75, edição especial, 2003. (Velhice e envelhecimento).

ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais...** Campinas: Verus, 2005.

ANTUNES, Arnaldo; JENECCI, Marcelo; ORTINHO. Envelhecer. *In: Iê iê iê*. Intérprete: Arnaldo Antunes. Totem Estúdio, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. **Lei n.º 8.842, de 4 de outubro de 1994**. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências: Brasília, 1994. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 10 set. 2016.

_____. **Lei n.º 10.741, de 1.º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 10 set. 2016.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Norma Operacional Básica: NOB/SUAS** – construindo as bases para a implantação do Sistema Único da Assistência Social. Brasília, DF, 2005.

_____. **Política Nacional de Assistência Social**. Brasília, 2004. Disponível em: <www.mds.gov.br>.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

_____; _____. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

_____; _____. Relatos de experiencia e investigación narrativa. *In*: LARROSA, Jorge. **Déjame que te cuente**: ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Laertes, 1995.

COMDI – CONSELHO MUNICIPAL DOS DIREITOS DO IDOSO DE JOINVILLE. **Estatuto do idoso e normas correlatas**. Joinville, 2009.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CRAS – CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Orientações técnicas**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DEWEY, John. **A arte como experiência**. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2002.

_____. **O que é beleza**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

_____. **O sentido dos sentidos**: a educação (dos) sensível. Curitiba: Criar, 2004.

FARIAS, Bino *et al.* A estrada. *In*: CIDADE NEGRA. **Quanto mais curtido melhor**. Epic/Sony Music, 1998. Faixa 5.

FREINET, Celestin. **A educação pelo trabalho**. 2 vols. Lisboa: Presença, 1974.

GARRIDO, Toni; FARIAS Bino; GHRAMA da; A estrada *in*: Quanto mais curtido melhor. Intérprete: Cidade Negra. 1998.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Educação não formal e o educador social em projetos sociais. *In*: VERCELLI, Ligia (Org.). **Educação não formal**: campos de atuação. v. 11. Jundáí: Paco Editorial: Pedagogia de A a Z, 2013. p. 11-32.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período 2000-2060; projeção da população das Unidades da Federação por sexo e idade 2000-2030**. Rio de Janeiro, 2013.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LARROSA, Jorge B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./abr. 2002.

LE GOFF, Jacques. História. *In*: _____. **História e memória**. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

MEIRA, Marly; PILLOTTO, Silvia Sell D. **Arte, afeto e educação: a sensibilidade na ação pedagógica**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, Leonardo A. Questões fundamentais da reflexão filosófica acerca da arte: resenha de *Os problemas da estética* de Luigi Pareyson. **Anagrama**, ano 6, mar./maio 2013.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso e terceira idade. *In*: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PUFFAL, Diana C.; WOSIACK, Raquel M. R.; BECKER JUNIOR, Benno. **Arteterapia: favorecendo a autopercepção na terceira idade**. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 6, n. 1, p. 136-145, jan./abr. 2009.

RABELO, Dóris F.; NERI, Anita L. Recursos psicológicos e ajustamento pessoal frente à incapacidade funcional na velhice. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 3, p. 403-412, 2005.

REIS, Alice Casanova. **A experiência estética sob um olhar fenomenológico**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 63, n. 1, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000100009>. Acesso em: 4 nov. 2017.

SILVEIRA, Teresinha Melo da. Convívio de gerações: ampliando possibilidades. **Textos sobre Envelhecimento**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 2002. Disponível em: <http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-59282002000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 8 maio 2017.

SKLIAR, Carlos. **Experiências com a palavra: notas sobre linguagem e diferença**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre fotografia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

VYGOTSKY, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. Livro para professores. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka; tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009. (Ensaio comentado).

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

YUKA, Marcelo. Pescador de ilusões. *In*: O RAPPÁ. **Rappa Mundi**. Warner Music, 1996. Faixa 6.

Sites pesquisados

<<http://mds.gov.br/assuntos/assistencia-social/servicos-e-programas>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

<<http://mds.gov.br/assistencia-social-suas/servicos-e-programas/servicos-de-convivencia-e-fortalecimento-de-vinculos>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

APÊNDICES

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM

Eu, _____,
RG _____, autorizo, nos termos da Constituição da República Federativa do Brasil, no seu capítulo X, art. 5, à Fundação Educacional da Região de Joinville (FURJ), mantenedora da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), a utilizar minha imagem e/ou voz, diante da aprovação do material apresentado, em qualquer mídia eletrônica, falada ou impressa, bem como autorizar o uso de nome, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização dessas imagens será para fins da pesquisa “MEMÓRIAS E SENTIDOS NA TERCEIRA IDADE: EXPERIÊNCIAS PELA VIA DA ESTÉTICA”, sob responsabilidade da mestranda ANA CRISTINA QUINTANILHA SCHREIBER e orientação da Professora Dra. SILVIA SELL DUARTE PILLOTTO, com coorientação da Professora Dra. Jane Mery Richter Voigt, com o objetivo de analisar as práticas educativas pela via da estética na terceira idade, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando memórias e experiências como possibilidade de construção de sentidos e relações com o cotidiano.

Assinatura: _____

Joinville, ____ de _____ de 20____.

Joinville, 29 de abril de 2016

Carta de anuência

Declaro para os devidos fins que o CRAS (CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL) está ciente e concorda em participar da pesquisa intitulada “MEMÓRIAS E SENTIDOS NA TERCEIRA IDADE: EXPERIÊNCIAS PELA VIA DA ESTÉTICA”, cujo objetivo é “investigar as memórias dos idosos, os sentidos e significados a partir de experiências com artes visuais na terceira idade, relacionando-as ao presente”.

Coordenadora
Adriana Schneider

Endereço: Rua Crater, s/n – Jardim Paraíso –Joinville – Santa Catarina
Telefone: (47) 3427-2980
E-mail: crasjparaiso@gmail.com

DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu, _____, RG _____, coordenadora do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), localizada na rua Crater, s/n, Jardim Paraíso, Joinville – SC, declaro para os devidos fins que concordo em participar da pesquisa intitulada “MEMÓRIAS E SENTIDOS NA TERCEIRA IDADE: EXPERIÊNCIAS PELA VIA DA ESTÉTICA”, cujo objetivo é “investigar as memórias dos idosos, os sentidos e significados a partir de experiências com artes visuais na terceira idade, relacionando-as ao presente”.

A pesquisadora é a mestrandia Ana Cristina Quintanilha Schreiber, a qual estará sob a orientação da Profa. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto, da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE.

Declaro que realizarei a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que cumprirei o que determina a Resolução CNS 466/2012 e contribuirei com a pesquisa mencionada, sempre que necessário, fornecendo informações.

Também fui informado de que, de forma alguma, haverá identificação dos idosos, bem como da instituição, sendo garantido o sigilo e assegurada a privacidade em relação aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. De igual modo, sei que é possível, em qualquer fase desta pesquisa, retirar esse consentimento, e que não receberei nenhum pagamento ou ressarcimento pela pesquisa.

Concordo que os resultados desta investigação possam ser apresentados por escrito ou, oralmente, em congressos e periódicos da área da educação, desde que preservados a identidade dos alunos, professores e o nome das instituições envolvidas.

Coloco-me à disposição para resolução de qualquer dúvida.

Atenciosamente,

Assinatura: _____

Adriana Schneider
Coordenadora

AUTORIZAÇÃO

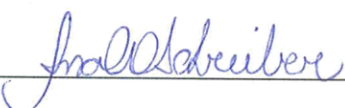
Nome do autor: Ana Cristina Quintanilha Schreiber

RG: 052549185

Título da Dissertação: **“MEMÓRIAS E SENTIDOS NA TERCEIRA IDADE:
EXPERIÊNCIAS PELA VIA DA ESTÉTICA”**.

Autorizo a Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, através da Biblioteca Universitária, disponibilizar cópias da dissertação de minha autoria.

Joinville, 24 /04/2018.



Ana Cristina Quintanilha Schreiber